

Vol. VI
Num. 17

PÁGINA 261:
— Notícia sobre Souza Bandeira.
— Prometeu e o tempo, de Souza Bandeira.

PÁGINA 262:
— Ideias e opiniões de Souza Bandeira, de João do Rio.

PÁGINA 263:
— Meu pai, de Souza Bandeira.

PÁGINA 264:
— Fac-Simile de uma carta de Souza Bandeira a João Ribeiro.

PÁGINA 265:
— Souza Bandeira na opinião de João Ribeiro.
— Oitava, de Souza Bandeira.
— Bibliografia de Souza Bandeira.
— Página de título de Páginas literárias, de Souza Bandeira ("fac-simile").

PÁGINA 266:
— Minha Mãe, de Souza Bandeira.
— Um retrato de Souza Bandeira — (Trecho de um estudo sobre Estudos e Ensaços, de José Veríssimo.
— Correspondência de escritores. — Carta de João Ribeiro a Souza Bandeira.

PÁGINA 267:
— A falência do Naturalismo, de Souza Bandeira.
— Algumas fontes sobre Souza Bandeira.

PÁGINA 268:
— Saudação a Souza Bandeira — (Discurso na Academia Brasileira, de Graça Aranha.

PÁGINA 269:
— Sans-Souci, de Souza Bandeira.

PÁGINA 270:
— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — 1.^a Série — Antologia da Poesia — XXV — Luiz Edmundo — Luiz Edmundo (Nota biográfica, com um desenho de Marques Junior).
— Bibliografia de Luiz Edmundo.
— Algumas fontes sobre Luiz Edmundo:
— Para onde?
— Olhos tristes.
— Olhos alegres.
— O brójo e o Vinho.
— Veneza.
— Londres.

— O Moínha.
— O Reno.
— Curação triste.
— O Rio.
— Viva la Gracia!
— Aquella lágrima.
— Amar.
— Neurase.
— Sempre.
— Ab láto.
— Madrigal ("fac-simile" de autógrafo).
— Era em setembro.
— Nova Afrodite.
— Versos a Cláudio.
— Extasi.
— Meu Natal em Berlin.
— Pergrinações, de Tristão da Cunha.

PÁGINA 273:
— Página dos Autores Novos — XI — Sérgio Soares:
— Sérgio Soares (nota biográfica).
— Olhas frias.
— Desajo.
— Mulher-flor.
— Spleen.
— Carroussel.
— Lembrança do Arlequim ("fac-simile" de autógrafo).
— Noturno 1932.
— Parque de Diversões.

PÁGINAS 274 e 275:
— A poesia de Cândido Mariano de Oliveira:
— Nota sobre Cândido Mariano de Oliveira.
— Explicação desta página.
— Primeiro a mãe, depois a mulher.
— Soneto.
— Adormecida.
— No lar dos mortos.
— Morta!
— Cacto.
— Melodia noturna.
— Madrigal romântico.
— Exilada.
— No lar da miséria.
— O Vaso.
— Soneto.
— Misticismo.
— Não se acordeis!
— An Mar!
— "Fac-simile" de uma carta de Cândido Mariano de Oliveira a seu irmão Bernardo de Oliveira.

PÁGINA 276:
— Prefácio de "Cinzas de Infância", de Múcio Leão.
— Dois poemas na Academia Brasileira:
— Galeria de arte — N. XI — Noémia — Dançarinas.

tem produzido o engenho humano, define com a mais pungente exatidão a nossa vida diante das constantes variações do tempo, cujas três divisões clássicas, passado, presente e futuro, constituem as verticais de um triângulo dentro do qual, ridículo jogador, se debate a triste humanidade. O presente é sempre deslizado e nunca nos achamos bem nele, porque, como dizia Sophocles, o rival de Eschyla, a felicidade consiste apenas em não nos julgarmos felizes, e não há quem no presente se julgue da posse da felicidade completa. O passado, porém, tem o perfume inefável da saudade: faz esquecer os males, e visto de longe só mostra as saliências luminosas dos acontecimentos que nos deram prazer, deixando inteiramente na penumbra todos os sofrimentos. O futuro traz a esperança, ainda que nunca ou infundada mas bri-

(Continua na pág. 264)

(Continua na pág. 264)

IDÉIAS E OPINIÕES DE SOUZA BANDEIRA -- João do Rio

O ilustre Dr. Souza Bandeira escreve-nos esta carta longa e brilhante:

É muito difícil, seja qual for o gênero literário, indicar com exatidão os autores que mais concorreram para a formação de alguém, e ainda mais difícil e a própria pessoa responder isso de si mesma. Há sempre a equação individual, com que se deve contar, perturbando qualquer dosagem proveniente de leituras, e que impede o próprio indivíduo de ser a um tempo sujeito e objeto de observação. Esta resposta para ser sincera (o que me parece a condição essencial do inquérito) não pode deixar de ser vagamente aproximada.

Para responder, pois, com a possível segurança julgo necessário remontar à época que me viu entre 1880 e 1884, onde se formou a geração a que Sylvio Romero chamou a "Escola do Recife" e de onde saíram Clóvis Beviláqua, Martins Junior, Graça Aranha, Arthur Orlando, Virgílio Brígida, Anísio de Abreu e tantos outros.

Com a bagagem fartamente literária e tenuemente científica que tínhamos os que então procurávamos o estudo do direito, trazíamos da adolescência o espírito cheio do romantismo puro de Hugo, Musset e Byron canalizado para o Brasil por Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e Castro Alves. Como base à retórica rancosa do tempo, algum conhecimento dos clássicos latinos, desconhecimento completo dos clássicos portugueses, que as escolas de então nos faziam odiar, e um estudo um tanto superficial de história, à moda do tempo. Como síntese do decênio vaguei que se deduzia do ecletismo de Comte, o qual então constituía a filosofia oficial. Como aspiração, uma indômita curiosidade de saber e um anelo quasi angustioso pela liberdade de pensamento e pela emancipação do espírito no terreno social, literário e filosófico. Acrescenta-se a isto um republicanismo sentimental e palavroso, aprendido em Casteller e Esquitos e eis descrito o mais fielmente possível o estado de alma da maior parte dos rapazes do meu tempo na época a que me refiro.

Nesta ocasião porém, começava no Brasil, especialmente em Pernambuco, a propagação da filosofia experimental e da arte naturalista. Anísio de Azevedo recebia nas doutrinas revolucionárias, como a conhecida Éon-Nova, e cada um tomou a orientação mais quadrante às suas aptidões pessoais. Grande parte apaixonou-se pelo positivismo, vulgarizado por Littré de um modo tão sedutor.

Quando a mim, apesar de toda a admiração que tinha por Augusto Comte, nunca fui positivista. Desde o início me entusiasmei pela evolução racional, racional e progressista de Spenser, para depois adotar a concepção racionalista do mundo explicada por Haeckel e Hartmann e completada mais tarde pela síntese crítica de Kant e Schopenhauer.

Nesta época, Tobias Barreto, o grande mestre, eletrizava a cidade com os estudos de uma palavra falante e imprimia nos que tinham a fortuna de ouvi-lo a profunda saudades que se faz sentir em todos nós, muito depois de desaparecido o prestígio da sua impálgica personalidade.

Taine e Renan corream esta influência — o primeiro com a aplicação dos processos experimentais à crítica histórica, filosófica e artística, o segundo com o sorriso confortável do seu sadio ecletismo e da sua fina ironia. E foram estas as leituras básicas da influência filosófica a que venho obedecendo há uns vinte anos.

Literariamente, como todos do meu tempo, devorei a série Rougem-Macquet, tomando ao pé da letra, o romance experimental e estudando as árvores genealógicas organizadas por Zola com o confronto dos livros de psicologia de Ribot, Daudet, os Goncourt, Maupassant e sobre todos o imortal Flaubert foram com Zola os autores que mais fundamente me calaram no espírito e me fizeram considerar o naturalismo como a aplicação à literatura do espírito novo que então havia invadido a filosofia.

Posteriormente, as idéias, e principalmente os sentimentos sugeridos pela caputosa literatura do norte, me fizeram ler Ibsen e Tolstói, Turguêniev e Dostoiévsky, considerando assim alargado para a grande obra da regeneração social o plano relativamente estreito do romance experimental, como a princípio entendia Zola (o qual, aliás, nos seus últimos livros, *Fecundité, Verité, Travail*) seguiu esta orientação.

Como cultura geral, além de Dante e Shakespeare, sempre tive por escritores favoritos, entre os alemães, Goethe, Schiller e Heine; entre os franceses, Montaigne, Rabelais e Molière. Dos contemporâneos só Anatole France me despertava as impressões que ainda guardo das leituras de Renan.

Ultimamente, volto às minhas vistas para os antigos, o que afinal é hoje o meio de saber alguma coisa de novo. Lido os latinos Horácio, Virgílio, Juvenal, Plauto e Lucrécio, e dos gregos (principalmente através de traduções) Homero, Aristófanes, Sophocles e Eurípides.

Frequentemente para recuperar o tempo em que desconhecia os clássicos e achava elegante escrever afirmando, dedico algum tempo por dia em ler os antigos. Camões, Vieira, Bernardes e frei João de Souza, dos modernos, Hercliano, Garrett, Eça de Queiroz, este último, já se vê, não me interessa mais como a organização artística e a linguagem de todos os que modernamente escreveram em português. São estes os autores que

mais tenho lido. Terão eles concorrido para a formação do meu espírito? Não sei...

Os meus trabalhos? Pobre de mim! Andam espalhados por quanto jornal tem sido vítima da minha mania de escrever. De muitos já me esqueci, de outros hoje me envergonho e dos que poderiam ter mais interesse formei um volume que a casa Garnier (sem reclame!) teve a bondade de editar. Como tantos outros no meu caso, tenho na cabeça um ou dois romances, outros tantos livros de crítica, (talvez um livro de história. Terrei algum dia tempo e lazer para escrevê-los).

Considerando o momento atual, ninguém pode dizer que atravessamos um período estacionário. A frequente produção de livros, embora em sua maioria pertencentes ao que José Veríssimo chamou literatura apressada, o aparecimento de jovens e ardentes aptidões literárias, a publicação de novas revistas (nada menos de três que prometem não ser efêmeras, só no Rio de Janeiro), tudo demonstra haver um certo renascimento na nossa vida intelectual. Se tal movimento será durável e prolífico se a nossa geração não desmentirá para o futuro as atuais promessas, é o que por ora não se pode saber.

Quanto às escolas a que se refere o questionário, é difícil acentuá-las.

Há tendências de espírito correspondentes às correntes que hoje dominam o mundo intelectual, há as diferenças provenientes da idiossincrasia de cada escritor.

Aliás, no estado presente da evolução intelectual, é isso o que se dá por toda a parte. Cedendo ao irrealizável espírito da época, que se faz sentir em todos os aspectos da vida humana, desde a religião até à política, a literatura e a arte têm hoje um cunho acientificamente social. Os puros esteticismos, insulados na torre ebúrnea de uma arte impessoal e impassível qual fora a pompa de que revistam o seu estilo, ficarão, como D'Annunzio, fora do seu tempo.

Se esta é a tendência geral, bem acentuada nos demais países cultos, ela também é verdadeira para o nosso meio cultural. Os nossos escritores, dos que hoje estão nos casos de imprimir um movimento literário todos mais ou menos se ressentem desta influência. Vindos do romantismo ideológico que lhes animou a adolescência, influenciados pelo advento da filosofia moderna (positivismo francês, agnosticismo inglês, monismo alemão) ou mesmo ecletismo renaniano e arrastados pela irreprimável tendência de regeneração social, eles trazem para os seus livros os resultados desta tripla influência, a que o cunho individual, a forma especial do talento, a diversidade de estilo, a variedade de leituras, dão como resultante a maneira especial de cada um.

Na poesia cabe falar, em primeiro lugar, de Machado de Assis, o mestre superior e inapagável. Saído do puro romantismo na época em que este fluía tragicamente, nunca se deixou escravizar por ele; passou pelo indianismo sem os exageros a que não resistiram espíritos cultos como Gonçalves Dias e José de Alencar; pagou o seu tributo ao simbolismo sem a forma enigmática dos epígonos, atravessou enfim todas as escolas e todas as épocas sem perder a originalidade por assim dizer, casta, do seu espírito e chegou até nós com toda a força de uma pujante individualidade, servido por uma linguagem simples sem trivialidade, lidiosa sem gramaticeiras, a qual faz dele um verdadeiro escritor clássico.

Depois os três grandes poetas da nossa geração: Raymundo Corrêa, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. Todos três saídos do romantismo, todos três penetrados do espírito moderno, todos três angustiados pelos problemas que perturbam a sociedade atual. As diferenças que neles se notam não fazem mais que acentuar a individualidade literária de cada um, mas não oferecem base para separá-los em escolas.

Em Alberto de Oliveira, o culto extremado da forma, a pureza do ritmo, "os versos marmóreos e espessos", como os descrevia Sully Prudhomme. Em Bilac, o lirismo sensual, o deslumbramento pela plasticidade, o apaixonado anelo da beleza imortal. Em Raymundo Corrêa, o pessimismo delicado e doente, a preocupação moral, a piedade sistemática pelo sofrimento. Em todos três, o verdadeiro espírito poético independente das efêmeras escolas, superior às ridículas subdivisões dos pretensos departamentos literários, que os fará sempre compreendidos e admirados seja qual for a época em que se os leia.

Ao lado deles temos uma boa porção de estimáveis poetas e um número infinito de fazedores de versos. Em todos domina o lirismo, essencial aos poetas brasileiros oriundo da raça, bebido no leite, difundido pelo quente sangue ibérico, no sensualismo ardente das duas raças inferiores com que ele se caldeou e enervado pela constante sugestão do nosso meio tropical.

Eis porque a poesia brasileira foi sempre lírica porque ainda hoje tem uma forte base de lirismo que se traí através de todas as várias maneiras dos poetas contemporâneos. No idealismo sugestionante de Luiz Delphino, nas metáforas de Luis Murat, no equilibrado entusiasmo pela natureza em Augusto de Lima, na desenvolvida sensualidade de Guimarães Passos, na malograda poesia científica do malogrado Martins Junior, até nas duquezas de B. Lopes.

Formando um tipo à parte, pela apurada procura do elemento clássico, pela distinção elegante no escrever, pelo conhecimento da técnica do verso, pelas felizes tentativas de modificação na me-

trificação corrente, não se pode deixar de notar Magalhães de Azevedo.

Quanto ao romance, é mais fácil acentuar as dificuldades, se não de escolas, ao menos de tendências literárias e de aptidões individuais.

Machado de Assis em primeiro lugar. Como romancista ainda mais do que como poeta, ele tem as observações que fiz acima. A maleável genialidade do seu humorismo sob a forma aparente de uma plácida vulgaridade, e a pureza da sua prosa fluente e castigada, os finos conceitos de que são recheados os seus livros, a firmeza com que em quatro traços desenha o lado moral dos seus personagens, supremos gêneros ante a desenvoltura do meio físico em que se desenvolve a ação dos romances e a falta do que se chama de rido. A leitura dos seus livros deixa uma impressão tão parecida com a que desperta o empanto sorriso da "Gioconda" de Leonardo da Vinci, o escritor como Machado de Assis é forçadamente um escritor individual. Nem pertence a uma escola, nem pode formar escola sua.

Outro prosador individual é Coelho Netto, cujo estilo recusado até o ponto de se tornar por vezes áreos, ao serviço de uma imaginação poética, abrange várias formas, desde o simbolismo literário adaptado das lendas estrangeiras até o estudo da vida rude dos nossos sertões. A preocupação essencial é o lado trágico da natureza e da sociedade, preocupação que influi poderosamente na sua maneira impressionista de escrever. A escola de Coelho Netto não sei qual seja.

Alcides Azevedo apresentou-se em campo como o porta-bandeira do naturalismo e os seus primeiros romances justificaram brilhantemente o intento. Posteriormente, no "Livro de uma semana", parece inclinar para o psicologismo, sem porém, todavia, a maneira antiga. É muito de desolador este romantismo interrompido finalmente o silêncio a que se tem obrigado. Não lhe falta a observação nem colorido e basta comparar o seu último livro com os do início para ver como mudou a sua linguagem.

O romance de costumes é representado, e brilhantemente, por D. Júlia Lopes de Almeida, cuja obra fina e conscienciosa, por Domíngos de Azevedo, admirável na arte local e no desenho dos caracteres, e Emmanuel Guimarães, cujos romances bem observados, bem pensados, bem delineados, têm o defeito (facilmente corrigível, dado o talento do autor) de uma linguagem como que pouco naturalmente incorreta.

A preocupação social tem duas representações. Curvelo de Mendonça com "Repêndice", o primeiro tipo do romance de tese, e Graça Aranha, o seu formoso "Canaim", cheio de admiração e tristezas pela nossa natureza, manifestando de eletiva a vida do interior, representado de um alto e belo simbolismo e preenche dos mais momentâneos e blessas sobre a luta das raças no continente americano.

Esta feição de concorrer para os problemas que torturam a humanidade, de discutir (como se sem forma de tese) as questões de que depende o bem estar da sociedade, me parece a que mais predomina no nosso meio literário, como aliás predomina em outros nos quais nos imitamos.

No conto, gênero que tem sido entre nós muito cultivado em demasia, além de Machado de Assis, Coelho Netto ocupam lugar saliente Afonso de Azevedo, estudando com delicada exactidão a vida íntima; Domício da Gama, em quem predomina um psicologismo como que lúcido; Lúcio de Almeida, escritor de apurada linguagem; Medeiros e Albuquerque, Garcia Redondo, Afonso Celso e Azevedo Azevedo. E'en passe...

O gênero é por demais efêmero para que se lhe possam descobrir tendências.

Não creio que o desenvolvimento dos contos literários dos Estados tenda a formar literatura à parte.

É verdade que atualmente se nota nos Estados cultos dos Estados um movimento que já começou a ser pronunciado e que em muitos deles se nota de a longínquos antecedentes. No Pará no Ceará, em Pernambuco no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro, fundam-se Academias, havendo no momento destes Estados senhores "imortais", mas porém constitui uma tendência para formar literaturas exclusivistas, ao polo contrário sem qualquer manifestação do mimetismo literário.

No Brasil o número das que têm é indistinto e, apesar de tudo, ainda é o Rio de Janeiro onde mais se lê. Os pequenos corações e sensíveis grupos que nos Estados trabalham pelas letras lutam com dificuldades de todo o tamanho desde a falta de editores até a escassez de leitores. O Rio de Janeiro é sempre o grande centro para onde converge a vida social, política e cultural do país. Sem a sua consagração, dificilmente se podem formar reputações literárias. Sem a sua consagração, dificilmente estas reputações podem produzir os resultados que procura todo homem de letras.

Não justifiem nem exagero o fato. Verão apenas tanto mais quanto ele não é novo. Já nos tempos que modelavam entre a República e o Império, quando, os poetas provincianos gloriam-se este mote:

Sem grande corte na Corte


Não se pode melhorar.

O corte é que nos faz bem.

A arte é quem nos faz mal.

E agora, sob o regime da federação, as coisas





MINHA MÃE - Souza Bandeira Um retrato de Souza Bandeira -

Trecho de um estudo sobre "Estudos e Ensaio"



Outro retrato de Souza Bandeira

desprezava o gosto pela perspectiva Transatlântica. Quantas vezes em pequenos, ao contemplar o oceano, e ao vê-lo os navios que zarpavam burra a fora, senti o impulso ardente de Sêneca, o Maritimo, traduzindo por uma obsessão cerebral que nos tortura a vida inteira até realizar a primeira viagem à Europa e que, uma vez satisfeita, continua insaciável a exigir a volta.

Atuavam em mim as seduções operárias pelas narrativas de minha mãe. Como em algumas impressões se armavam através das vastas horizontes oceânicas do portar a terras desconhecidas do espírito das viagens monumentais da contrapropriedade das obras de arte, da inteligência completa do homem, um instante que seja na cultura materialidade que presenciamos e a que nos ligam misteriosas raízes atávicas, mas fortes que o solo, a terra, o sangue, e a própria morte.

Percebi-me, porém, ainda um quadro que era trouxe representando a gloriosa perspectiva da Praça da Concordia e dos Campos Elípticos, que tão gravado ficou no meu espírito, principalmente pelos diálogos camarários que o acompanhavam, que no ser pela primeira vez o panorama em pessoa, tive a impressão de estar retratado. A minha primeira visita a Paris foi uma revista, de saudade, das aldeias do Bois de Boulogne, sob a aboboda do Pantheon, ou na torre de Notre Dame, em qualquer ponto para que se levasssem os passos, guiava-me também a demonstração do dor espírito que me ensinara a amar aqueles sitios antes de vê-los. Recordo-me ainda de uma grande planta de Paris, onde a minha infância sequestrava os jogos, que repelia sem compreender, das localidades e ruas que só muito mais tarde vim a conhecer.

Outra forte traço do seu caráter era um grande sentimento religioso acompanhado do mais completo espírito de tolerância que jamais conheci. Era uma estética palpitante em todo o rigor da palavra, sem que entretanto tivesse a exageração e a intransigência das coroliceas, nem sempre acompanhada de sinceridade. Nasce os princípios nos educamos e desde a mais tenra infância fomos acompanhados assiduamente todos os atos religiosos. Não me posso recordar exatamente qual o grau de firmeza de minha fé. Sei, porém, que sempre me comoveu a beleza natural da ribeira e sempre me impressionou suavemente o lado estético do culto católico.

Quando novas idéias e novos sentimentos foram destruídos em mim, pouco depois da morte de minha mãe, os laudos acurios da fé que ela me havia plantado, e elegual ao estado de descrença em que até agora tenho vivido, não perai, porém, o respeito pela religião que a acompanhava até os últimos momentos.

Nunca pude esquecer, nem tolerar que porfo de mim se o fizesse da fé alheia. Uma vez que minhas convicções me levaram para pontos de vista inteiramente opostos aos seus, e ainda hoje o faço, sem quebra do respeito que me merece a verdadeira fé religiosa, quando é iluminada pela sinceridade.

E ainda hoje, o meu espírito se sente perturbado pelo infinito mistério que nos envolve com o seu tenebroso manto quando revivemos as grandes ondas de minha mãe, trixeta e melancolia, fixando-se sobre mim, nubes de se cercarem para sempre no supremo momento da despedida eterna.

O sr. Souza Bandeira é um espírito voltado às coisas do mundo. Os que o conhecem, pessoalmente ou de leitura, facilmente terão notado que o gosto da sua profissão não se de jurista, mas de advogado, o amor da jurisprudência, na sua forma teórica ou na sua forma prática — e que amor há aí que não passamos a esquecer? — e se posso dizer assim, a facilidade predominante do seu espírito. Esse amor, chegara, às vezes, até a indiserção e ao exagero, como no seu, alias muito curioso e interessante romance *O advogado na literatura e na vida real*, em que ele, com mal empregado castiño, pintou por demus bonito esse profissional.

O que lhe vale, porém, e o que acima dos milhares de homens que infestam a Cidade, e que naquela facilidade há, bem proporcionada ao seu elemento principal, uma boa dose de espírito filosófico e uma boa dose de espírito literário: a capacidade de discernir e compreender os aspectos filosóficos do direito, e de generalizar-lhe os fatos, até confundindo-os com as abstrações mais altas e mais universais da sociologia, e a capacidade, nem sempre correlativa, de exprimir-se com a clareza, a correção, as qualidades, difíceis de definir, estilo que tem o caráter, e outras que revelam o homem de letras.

Este juízo, parece-me o livro do sr. Souza Bandeira *Estudos e Ensaio* (H. Garnier), que acaba de vir a lume, o comprova, com pequenas restrições, que lhe não alterariam a exatidão essencial. Não obstante haver o A. começado a escrever para o publico há mais de vinte anos, e este o seu primeiro volume, ainda um livro de fragmentos, e até pode-se notar, de pouca unidade. E de esperar, e cordalmente o desejo não seja ainda o primeiro de outros, que mais completamente demonstrem as qualidades que já são manifestas e estimáveis neste.

O sr. Souza Bandeira não duvidou incluir neste, "a título de documento", os seus primeiros ensaios, de rapaz que se inicia nas letras, no jornalismo acadêmico, ou melhor escrito. Fecit licença para advertir que isso lhe era uma obrigação, que lhe não preciso dizer qual seja. E, embora porca indiserção a advertência, fizesse sem treco, sabendo quanto a ele capax se desdobrar-se do compromisso que eu exigiro na republicação, "a título de documento", dos seus primeiros escritos. Começa aliás o sr. Souza Bandeira

na a desempenhar-se de seus últimos do seu volume.

O que de algum modo não ofende o bom gosto literário amoroso da medida e da precisão do sentimento das próprias e respeitadas da língua, nos primeiros capítulos do sr. Souza Bandeira, *Lições de direito*, *no Brasil*, e até em alguns posteriores, como *O ministro do reino*, vai pouco a pouco se parecendo nos seus escritos anteriores. Nesse já a forma alcança ainda, não difere da seleção, que parece e ilacuna, sabe porque muito realista, a maneira de a julgar, mais cauter e a distinção, mais visivelmente. Os juízos são nos livros e as opiniões são apresentadas, e as capacidades generalizações, que o sr. Souza Bandeira e dos não muitos meros a ter entre nós, com um com mais medida e equilíbrio base. Nos primeiros capítulos, com despojo a fraseologia empolada, o ar doméstico, escolhido menos apurado das produções do pensamento e das expressões. Estes efeitos, porém, não são do sr. Souza Bandeira. O seu bom gosto natural, a sua extensão e boa cultura, a sua, feita nas obras da inteligência humana, que das as literaturas principia, vem, forçosamente, levando a uma apreciação prática, mais justa da arte de escrever, da escola a que teve, talvez, o sr. Souza Bandeira, quando em anos verdes, e que não são a idade do discernimento, de poder. Ele sofreu influência poderosa de Teófilo Barreto e de toda a dinastia que o cercavam e o admiravam, alguns realmente com a consciência que uma tal influência pode permitir, outras, talvez, maliciosa, sem a menor sombra de limite, por simples e honesto direito de limite. Os caracteres distintivos dessa escola foram, justamente aqueles, a falta de medida no pensamento e na expressão, o ar doutoral, o uso de indiserção da novidade, principalmente alemã, o alívio da fraseologia biológica e o termo técnico, o estilo túrdido, palavroso, empolado. O sr. Souza Bandeira, ao que parece, não disse um mérito: "Palavras palavros não diz quem quer que seja", — é uma frase que atribuem bobos os seus discípulos de segunda classe e com casos defeitos tanto quanto.

JOSE VIANNA
(Kosmos)

Correspondência de escritores

Carta de João Ribeiro a Souza Bandeira

Rio, 10 set. 1906.

Meu caro Souza Bandeira,
Mando esta carta para a Leitura da Paris, a que é talvez quase deixada ao acaso. Não tenho embargo teu e é o caso de dizer-te o poeta: "Onde estás que não respondes?" — A verdade é que respondes, mas não sei onde estás.

Tenho recebido os catálogos da exposição de Munich e de Berlin e antes deles a tua preciosa carta de Eulálio Bains, Caxcio, pois que, sendo da Suíça para a Alemanha, é possível que te dirijas a Paris ou a Londres.

A esta hora sabe-se que Herculio foi literalmente aclamado oficialmente, disse, porque de facto ele não entendendo em pedir o voto a ninguém: Fecit apenas como candidato. A Academia fez excelente aquisição, não há dúvida.

As notícias que lhe são trazes, e a que é por, são verdadeiras. O pobre do Paulo Carrasco foi

coradamente assassinado, em Amaraç pelo acaso e a vontade oficial de uma lista de mortos. Como a lista actual, o último me um pouco a que tal acaso, como querem.

Tinha para dezembro eu ir para a Europa ou para Buenos Aires. Se tal não se der, irei ao menos para Santa Teresinha, Haize. Não tenho a falta de dade, nem desejo de sair daqui; mas ando mal ferido de estomago e espira, e so lá um meio, que é fual, e boia e ainda não e o homem do Rio. Já um atavismo obscuro que não sabe sempre a reclamar a tradição no outro hemisfério. O ordinário, mais do que os seus volúmenes e Europa. São as faculdades de cinco e de seis anos, as vezes incoerentes.

Não escrevo mais as cartas. D. Francisco Manuel, já se foi, e em 1.º edição. Comprei a 1.ª edição da *Allegria* de Souza Bandeira. (Continua na pag. 267)

Concentrado o espírito na contemplação do passado e fazendo vibrar uma a uma as notas umas, outras apagadas, da minha memória, revela a suave figura de minha mãe.

Não pretendo trazer para o publico a intimidade de sentimentos que não devem ultrapassar o sacro da família e muito menos profanar uma memória querida fazendo literatura com as suas reminiscências.

Quero apenas aventurar alguns traços na sua bela alma que, ao meu ver, tanto contribuiu para a formação do caráter dos meus irmãos e de mim que mais moço, tendo chegado por último, menos lhe pude gozar da preciosa convivência.

Alma cheia de bondade, criação a transbordar de carinho, era no mesmo tempo uma vontade cheia de nobreza e distinção e uma inteligência de largo desdobramento servida por uma cultura variadíssima, naquele tempo, no seu sexo e no seu meio.

Breve-a lendo os volumes da "História dos Girondinos" de Lazzarini, das "Memórias de Além-Túmulo" de Chateaubriand, da "História da Revolução Francesa" de Thiers. Ainda posso um exemplar das *Poesias* de Byron que lhe pertenceu. Penso que os livros de história eram a sua leitura favorita.

Acompanhava com inteligência paciência os meus estudos escolares, auxiliando os esforços de meu pai. Línguas, história, geografia, literatura, tudo entendia e com carinho que não exclua a severidade auxiliava-me a vencer as dificuldades do estudo.

Com que distinta modestia evitava, porém, fazer ostentação dos seus conhecimentos! Salvo as longas conversas com meu pai conhecido ou com algum habitado mais íntimo, sobre coisas intelectuais, ela nunca se aventurava a estas preleções catagoricas, constan-

te despoito dessa classe povoada de mulheres que sacrificam o encanto do sexo ao rolulo de serenas ilustradas.

Outro traço característico do seu espírito, e que cabou bem fundo na formação do nosso foi a atração intelectual pela Europa. Não me posso lembrar se, além dos romances de Alencar ou de Macedo, ou das obras primas dos nossos poetas a quem admirava, ela tivesse preocupação intelectual pelas coisas nacionais, apesar de ter um forte sentimento patriótico. Não me ficou, pelo menos, gravado no espírito nenhum traço que me revele, a tão grande distância, a influência de qualquer leitura sua de coisas nacionais.

Era grande o seu amor as coisas pátrias. Sem pertencer à classe das mulheres ponticas, cujo pátrio tipo da terra feminina, acompanhava o movimento nacional, interessava-se pelas grandes questões que se agitavam e tinha apreciações suas sobre os homens publicos em evidência. Pode-se dizer que o seu "sentimento" era brasileiro.

O seu "pensamento" porém, via para as outras bordas do Atlântico. Por motivo de modestia passou perto de dois anos na Europa, conhecendo Londres e Paris, onde residia mais tempo. Foi em 1873, e a grande nação sangrava ainda das feridas que lhe deixara a guerra de 70 e a Comuna.

Ainda posso ver as ruínas das Tulherias e de Saint Cloud. Ouvi narrativas frescas do Círculo de Paris e da Comuna, voude palpar com o relato dos sofrimentos que compunham o martírio da grande Cidade. Daí lhe veio uma simulação por Paris e uma identificação com os seus hábitos que se lhe estimulou com a própria vida. A meus irmãos, em idade de melhor compreensão, e a mim que ouvia as narrativas com a avida curiosidade da infância, recordava a sua viagem e inconscientemente nos

(Kreozções).

A falência do naturalismo — Souza Bandeira

A discussão, a propósito de Zola no Panteão, faz lembrar os primeiros volumes do Rougon-Macquart, e reflete na grande evolução que fizeram os romances, inclusive o próprio Zola, depois da época em que o grande romancista lançava em circulação os seus livros de comédia, agitando os entusiasmos dos leitores, provocando ódios semeados, e formando apóstolos e crenças que se queriam eternas.

A geração, cujos entusiasmos

moria, ao passo que o representante do socialismo aburguesado, que trocou a propaganda do ideal pela comoda conquista do poder, foi quem se apresentou em campo, defendendo a memória de um intelectual. Para explicar tão estranha contradição, bastam as previsões ironias da política, que muda as posições. Inverte a visão intelectual, e é principalmente a incontestável soberania do mau gosto. Os que, a cada momento, deploram a batida do nível

se deparava no sábio e ao artista, como único objeto de meditação e de inspiração.

A já científica era o novo dogma que se apressava, contra o credo das religiões reveladas. Os processos experimentais, transportados para todos os campos da cultura humana, entraram também na arte, e os novos ideais colimavam a natureza como assunto único de observação. Foi a época em que apareceu Zola, como porta-bandeira da nova escola, querendo fazer arte com os dados da ciência experimental, pedindo os seus processos da indução de Claude Bernard, e fazendo do romance o estudo da vida social, tal qual se apresentava à sua visão, com todas as suas fraguças, chagas e misérias.

Encontrando um terreno admiravelmente preparado, pôde o naturalismo rapidamente progredir, pois correspondia exatamente ao espírito da época. Constatada que estava a humanidade de que (tinha) chegado o triunfo definitivo da ciência e da negação do Aléu, nada mais restava a arte do que copiar a natureza e apresentá-la com todos os rigores científicos, nos homens, já acostumados a somente aceitar o que lhes fosse positivamente demonstrado.

De então para cá, quantas novas escolas têm surgido, pretendendo enfeitar a arte em fórmulas que se supõem definitivas, e quantas têm desaparecido, deixando entre os seus destroços algumas obras primas que exprimiram, um momento, o espírito do seu tempo!

Fortemente possuído do sentimento romântico, que pretendia matar, mas que perpetuava na obra genial de Flaubert, de quem se dizia discípulo, embora aplicando sempre até o fim da sua obra os processos do seu apreço naturalismo, foi Zola sucessivamente modificando o seu espírito ao sabor das correntes que dominavam. Assim, sob a bandeira do naturalismo, se bem que essencialmente lírico, pagou Zola o tributo da época ao simbolismo, ao romance de análise, ao misticismo, ao romance patriótico, e acabou arrastado pela grande corrente socialista que o levou à utopia de evangelista da nova fé.

Em toda esta vasta digressão, sacrificando muitas vezes o bom gosto e a medida a preocupações estranhas à arte verdadeira, sempre se soube conservar um espírito fundamentalmente honesto, seqüente da verdade, e desfeito de fazer triunfar as suas convicções à força de coragem e consciência.

Os seus discípulos, abandonando o primeiro impulso que lhes deu o poderoso espírito do mestre, apostaram no naturalismo, e enveredaram por ev-

lhos caminhos onde supuseram encontrar o ideal na arte. Do grande época da solução definitiva, as páginas verdadeiramente imortais, que para a posteridade entre as obras primas da língua francesa, são as páginas em que o grande escritor pensava perpetuar o seu programa de combate, e sim as passagens de um lirismo amplo e majestoso. Apesar de todo o apego ao seu romance experimental, e sempre variáveis, contingentes dos complicados processos científicos com que organizava as

concepções que tinha chegado a encontrar o ideal na arte. Do grande época da solução definitiva, as páginas verdadeiramente imortais, que para a posteridade entre as obras primas da língua francesa, são as páginas em que o grande escritor pensava perpetuar o seu programa de combate, e sim as passagens de um lirismo amplo e majestoso. Apesar de todo o apego ao seu romance experimental, e sempre variáveis, contingentes dos complicados processos científicos com que organizava as



Ilustração para um trabalho de Souza Bandeira publicado em "Ressurreição" (Junho-1906)

suas árvores genealógicas, nenhum dos seus tipos ficara enclausurado nas grandes criações incorporadas ao patrimônio espiritual da humanidade. Por uma ironia do destino, as criações do seu poderoso simbolismo, serviram, entretanto, de alento aos que, através do seu testemunho dos sentidos, procuravam na natureza a expressão de um profundo sentimento idealista.

Hoje, quando a concepção materialista do mundo vai cedendo o lugar a um largo idealismo panteísta, em que a matéria e o espírito se fundem na expressão única de uma grande força, que sentimos sem conhecer, e amamos sem analisar, como parece mesquinha a pretensão da escola que limitava a arte ao exame dos depoimentos da experiência, neste pequenino aspecto do mundo que supomos possuir pelos nossos imperfeitos sentidos!

Como vão longe os tempos em que se pensava que todo o universo podia caber nas retóricas dos microscópios, e que tudo, desde a religião até a arte, dependia da última palavra que viesse dos laboratórios. O honesto Zola acreditou ingenuamente na possibilidade de

recepção na Academia Brasileira de Letras — Discursos Acadêmicos, vol. 4º. — Revista da Academia, número 22. — João Ribeiro — Almanaque Garner para 1907 (pag. 284). Carta a S. B. In Revista da Academia Brasileira de Letras, n. 131. — José Veríssimo — Estudos de Literatura Brasileira, vol. 6º, pag. 231. — José Maria Belo — Rui Barbosa e outros escritos (pag. 71) — Revista do Brasil, n. 28 — Revista Americana, ano VIII, n. 1, pag. 210. — Mário de Alencar — Revista do Brasil, vol. VI, n. 22, pag. 129. — Introdução a Evoluções e outros estudos. — Magalhães de Azeredo —

Cartas, a S. B. — Revista da Academia Brasileira, n. 132. — Medeiros e Albuquerque — Páginas de Crítica, pag. 197. — Paulo Barreto — O Momento Literário, pag. 274. — Pereira de Carvalho — Os membros da Academia Brasileira em 1915. — Sebastião Galvão — Dic. Corográfico-hist. e Estatístico de Pernambuco, Q. e R., página 320. — Tobias Barreto — Estudos alemães, pag. 432. — Sacramento Blake — Dicionário Bibliográfico Brasileiro, vol. 3º. — Tristão de Azeite — Revista do Brasil, vol. V, n. 20. — Tristão da Cunha — Crônicas do Tempo, pag. 200.

Algumas fontes sobre Souza Bandeira

Argeu Guimarães — Dicionário bio-bibliográfico brasileiro.

— Artur Mota — Revista da Academia Brasileira de Letras, n. 87. — Revista do Brasil.

— Clovis Bevilacqua — História da Faculdade de Direito do Recife, 1. vol. pag. 285. — Ressurreição, abril, 1904 (pag. 56).

— Fernão Neves — A Academia Brasileira de Letras, página 106.

— Galeria Nacional, do "Jornal do Brasil" — 8.º fascículo pag. 575.

— Graça Aranha — Discurso recebendo Souza Bandeira na Academia Brasileira de Letras — Discursos Acadêmicos, vol. 1. — Revista da Academia, n. 131.

— Carta a S. B. In Rev. da Acad. Bras. n. 131.

— Heli Lobo — Discurso de

recepção na Academia Brasileira de Letras — Discursos Acadêmicos, vol. 4º.

— Revista da Academia, número 22.

— João Ribeiro — Almanaque Garner para 1907 (pag. 284).

— Carta a S. B. In Revista da Academia Brasileira de Letras, n. 131.

— José Veríssimo — Estudos de Literatura Brasileira, vol. 6º, pag. 231.

— José Maria Belo — Rui Barbosa e outros escritos (pag. 71) — Revista do Brasil, n. 28 — Revista Americana, ano VIII, n. 1, pag. 210.

— Mário de Alencar — Revista do Brasil, vol. VI, n. 22, pag. 129. — Introdução a Evoluções e outros estudos.

— Magalhães de Azeredo —

Cartas, a S. B. — Revista da Academia Brasileira, n. 132.

— Medeiros e Albuquerque — Páginas de Crítica, pag. 197.

— Paulo Barreto — O Momento Literário, pag. 274.

— Pereira de Carvalho — Os membros da Academia Brasileira em 1915.

— Sebastião Galvão — Dic. Corográfico-hist. e Estatístico de Pernambuco, Q. e R., página 320.

— Tobias Barreto — Estudos alemães, pag. 432.

— Sacramento Blake — Dicionário Bibliográfico Brasileiro, vol. 3º.

— Tristão de Azeite — Revista do Brasil, vol. V, n. 20.

— Tristão da Cunha — Crônicas do Tempo, pag. 200.



Ilustração para um trabalho de Souza Bandeira, publicado em "Ressurreição" (Junho-1906)

Juvenis foram despertados pela eloquência vibrante do grande escritor, e que guarda bem no fundo do coração um lugar destinado ao culto dos ideais de então, não pode deixar de ter impressionado dolorosamente a mesquinha investida com que Maurice Barrès rebatizou o seu belo talento e o seu fino gosto artístico, para atrair sobre a memória de Zola as mesmas e humais censuras de imoralidade, há tantos anos feitas pela mediocridade burguesa. Bem se compreende que os descendentes do antigo tintureiro a quem a sorte da guerra e a onipolência de Napoleão fizeram duque de Montebello, se horrorizem com a ideia de repousarem no lado dos restos de Zola o seu heróico e nobre antepassado, cujo nome eles próprios exploram para uma marca de Champagner.

Confrange, porém, a alma, ver um intelectual da força de Barrès, cuja delgada sensibilidade artística vibra com as mais recônditas aspirações da alma moderna, cegar-se de tal forma pela paixão política até descer das alturas serenas da arte, e reedificar numa assembleia política a estagnada lenda da imortalidade do naturalismo.

O chocante contraste daquela sessão da Câmara dos Deputados com pretensões a literaria, consistiu no discurso de Jaurès, defendendo a memória de Zola das grosseiras investidas de Barrès. O tribuna socialista, sentindo-se à vontade na retórica democrática, que depois de Enciclopédia, vem animando o liberalismo francês, desde o romantismo até o naturalismo, produziu uma resposta vibrante e honesta. Assim, o espírito fino cuja luta intelectual tem consistido em "defender o seu Eu contra os bárbaros", fez-se eco das vulgaridades burguesas que se repetem contra uma grande me-

intelectual nos nossos parlamentos, devem ler os apertados dados dos dois oradores, nessa curiosa sessão da Câmara francesa, onde se revela em cheio a mediocridade, a chateza, e a falta de gosto.

Se não fosse a corrente política hoje dominante em França, Zola não teria tido o mesmo sucesso. Nesta curiosa sessão da Câmara francesa, onde se revela em cheio a mediocridade, a chateza, e a falta de gosto. Se não fosse a corrente política hoje dominante em França, Zola não teria tido o mesmo sucesso. Nesta curiosa sessão da Câmara francesa, onde se revela em cheio a mediocridade, a chateza, e a falta de gosto.

A sincera admiração pela grande figura de Zola não impede, porém, de notar hoje a dolorosa falência do naturalismo. Quando as descobertas científicas apregoavam a queda dos velhos ideais, e os métodos inflexíveis da filosofia experimental pareciam querer dominar tudo, os vibrantes clarins do naturalismo lembraram os trompas de Jericó, abalando os fundamentos da sociedade de então. Positivismo, agnosticismo, ou materialismo, o pensamento filosófico da época tomava por base do saber o testemunho dos sentidos, graças das maravilhas do método experimental, que, alargando a força de observação humana pela dos instrumentos de precisão, tudo achava possível ao orgulhoso desejo de conhecer. E a natureza, toda e nua, sem forças ocultas, sem origens inóculas, sem mistérios insensíveis,

Saudação a Souza Bandeira -- (Discurso na Academia Brasileira)

Sr. Souza Bandeira. — A vossa vida não tão sagaz vos revelou que a sede do louvor é um sinal de fadiga. Parece certo que a finalidade última da criação é glorificar o criador. E por isso a entrada para a vossa companhia, desce-nos o que os homens dão de melhor aos mortais, palavras que cantam como luas. E sem notar que estáveis a vos comprometer. Foi este o vosso último ensinamento humano — atribuídes vossa escola a uma razão de coerência e de continuidade, a intrusão de vosso ardeur agnoscendo o discípulo de uma escola e representando de uma geração intelectual a que também pertenceu Martins Junior. A Academia tem horror aos princípios. Foi esta a vossa primeira intuição — principalmente aquelas que a privam da liberdade. Ela não atendeu para a vossa eleição a nenhum motivo lógico desses que lhe atribuiu. Atendeu a sua própria lógica. Elegendo-vos elegeram a cultura na sua manifestação mais ampla e mais elegante. Não houve de modo algum um caso de sucesso forçado, que seria a restrição do vosso intelecto. De mais, cada um de nós é sempre a continuação de outros. Há um patrimônio coletivo que é a matéria geradora, o substrato comum dos espíritos de uma civilização. Na romancista e historiadora Tamyas, no professor e médico Francisco de Castro, na poeta e política Maria Juhá, havia a mesma vocação do escritor e continuador literário e esse com auto-indulgento e misterioso da qualidade que a presença do homem representativo. E que o instituto da Academia descobriu e de que se apoderou para o rejuvenescimento cultural da nossa vida. Por força dessas renovadas influências espaciais da morte pelo fim e restituição sempre em plena atualidade. E talvez a virtude do nosso número, exagerado para muitos, consta em abraçar o que não vem simplesmente para a vossa inteligência. E não há recuo de vocês para, seguramente há mais força de morrer que de viver.

Verdadeira consciência, teve o seu momento de precisão cronológica e foi por um admirável favor do destino em uma das grandes crises do pensamento brasileiro. Até esse instante nós ocupávamos um terreno de difícil acesso, mesmo à primar das ideias universais. Eramos o que se chama uma nação atrasada, e que se movia em uma lentidão secular. Longe de nós havia a outra civilização, cuja força avassaladora tendia para a unidade, para a criação, buscando envolver o mundo neste sistema de maravilhas, eletrificando intelecto em que tudo vibra nos mesmos profundos desce e nas mesmas divinas alenquias. Para esse esforço de quebrar a separação do espírito brasileiro, tornando-se o revelador da atualidade europeia, o transmissor entre os dois polos da cultura, um homem, como sempre acontece nos milagres da história, foi predestinado. Em 1882 Tobias Barreto, que os seus condiscípulos não compreenderam e de cuja imensa reputação ainda se espantam e surriem, abalava como um ciclone a sonolenta Academia do Recife. Ele invade a sociedade espiritual do seu tempo como um verdadeiro homem da sua época. E o segredo da sua força está na abstração e constante fidelidade a esse temperamento. Em cuja formidável composição entraram todos gigantes de cultura, de luz e de todas aquelas coisas da vida que o seu transtorno reglamente ao sangue misturou. Tinha a exuberância, a solta, a neglência que o fazia estranho a todo o cálculo mesmo e da sua reputação de alemão, francês, o português, o brasileiro, o italiano, o espanhol, o inglês, e mais a impetuosidade e a tenaz expressão da revolta que permaneceria como o traço vivo do seu caráter. Não houve taxa que o anulasse; não conheceu senão os limites inabundáveis da liberdade e os da extrema irresponsabilidade. Pondera, como um verdadeiro, viver com o povo, foi descondido, mas vivo e infeliz. Cresceu músico e poeta. E mais tarde quando lhe chegou a cultura, da vida na barca fantástica da poesia. E foi pelo amplexo dessa volátil essência do seu temperamento que Tobias Barreto possuiu da arte para a filosofia. O pensador nele é uma modelação do vate. Transporta para a metafísica, para as ciências biológicas para a direito, a magia da adivinhação, o improvável milagre, a necessidade de idealizar e de imaginar, que é a poesia. Quasi toda a sua ciência, quando não vem da legislação ou da física, é feita principalmente de intuição e os seus valores escoriamente, os claros que abre a vida que dá às ideias apenas imprevistas na presença da sua visão, é mais a criação do poeta que a lógica do sábio. E isto foi um homem do seu tempo e da nossa época. E preceito que o sangue corra longe, durante séculos, numa linha descendente, para que o precepto das forças originais do nosso espírito seja a idealização científica. O máximo, a que por enquanto podemos atingir, foi o que nos deu Tobias Barreto, a filosofia através das cores solares da poesia.

Não é um sinal de incapacidade; é uma segurança de que estamos no princípio, pois na realidade a inspiração dominante da nossa vida será sempre a preocupação intelectual a este sentido. O Brasil será gloriosamente uma nação de metafísica. Pelas nossas origens pela multiplicidade das nossas raças, pela variedade de deuses que povoam as almas geradoras deste país, pela imensidade territorial que exalta a impressão e engrandece o espírito, como os jovens da Índia, sentamos uma atitude imperiosa, que nos arrébata para o sonho, para o vôo místico, onde achamos o consócio da tremenda realidade. Seria o momento da religião. A cultura científica apenas iniciada não pôde a complexa expansão do espírito religioso e o substituiu pela metafísica da matemática, a principal manifestação das tendências abstratas do nosso gênio. Nos desenvolvemos admiravelmente a facilidade de calcular como a mais importante atividade do cérebro e nos afofamos nela como se fosse a poesia da ciência. Não há país onde o cálculo tenha mais devotos, setaristas, templos e mesmo poetas, e como todas as religiões, essa também terá as suas incompatibilidades e desceitos. Eu creio que a Academia, onde a geometria não impera, onde ninguém cuida de reduzir a um frio teorema nem a filosofia, nem a arte, deve ser a zombaria desse espírito matemático, o mais zombeteiro dos espíritos. A Academia vinga-se opondo serenamente a essa metafísica de Euclides a metafísica do estilo... de Machado de Assis.

Tobias Barreto não teria tido aquele intenso e decisivo triunfo se não correspondesse a exigência íntima da nossa formação nativa, se não introduzisse uma abstração metafísica, que ainda era uma novidade. Trouxe-nos o monismo. E, filosofia contra filosofia, a obra de demolição começou pelo conceito do direito para depois se espalhar por todos os recantos da cultura. Mas o resultado principal do aparecimento desse pensador na vida brasileira talvez o que maior vastidão de infinito pôde desordenar, é a fascinação que exerceu sobre os jovens espíritos, como o vosso que não seria quem sós se não tivesse recebido do seu gênio a centelha cladora. Não conheço maior elogio aquele que o vosso inspirador, e não o vosso mestre, dando-vos a liberdade do inspirado, e não a servidão do discípulo. Porque Tobias Barreto combateu, destruiu, inquietou ideias por conta própria, sem querer fustigar excelsos nem reconhecer adeptos. Para mim eu o vejo só — a unidade completa e desejada do pensamento e da ação. E toda a sua grandeza sobressai no isolamento em que se manteve, e em que o devemos conservar. Se dele se procurasse originar uma escola, ela não poderia deixar de lhe ser inferior. O sol não cria outro sol. Se a força singular desse homem estava na genialidade poética por onde lhe veio a intuição científica e filosófica, seria exatamente essa genialidade, essa imaginação que saltaria aos seus discípulos, porque ela era uma expressão puramente individual e que se não repetia. Extrairiam dos livros e das frases do mestre apenas as fórmulas adivinhas, confundiriam a sátira com a seriedade do pensamento, tomariam os vagos delineamentos por conclusões definitivas e espalhariam uma língua bárbara e dogmática doutrinas para as quais não teriam nem a ciência, nem a adivinhação profética.

Em vosso espírito, porém a inspiração se fez de outro modo. Tudo o que recolhestes, transfundistes ao vosso sangue, ilusões e fórmulas a que destes o cunho próprio. E foi principalmente desse riso colossal de Tobias Barreto que, por uma luminosa transmutação, proveio a qualidade brilhante do vosso espírito, e humorismo. No fundo da

alma de todo o brasileiro há um humor incompleto. A beleza do nosso está na abstração exclusiva e absoluta; sonhar sem ver jamais a realidade, sonhar cavaleando a fantasia e galopar pelo infinito; criar num capismo estético novos mundos, novas formas, no deslumbramento da cor e do som... ou mesmo sonhar num vôo de bondade, ou no êxtase da religião. Mas quando o poder do sonho não é tão assombroso que o arrebatamento perpetuo e por entre as franjas da fantasia aparece o raciocínio insidioso, nesse instante o sonhador distorce, distorce a sua alma lateral; as sombras desceem e o humorista se ergue como um lírio da noite, espalhando mistérios e venenos. A província por algum tempo e a burocracia sempre, foram os excitantes do vosso riso. O exame imediato da produção literária abriu novos e inextinguíveis mananciais à vossa crítica jovial. Creio que é vossa a descoberta de que a literatura é, neste país, uma doença grotesca de muitos espíritos; uma espécie de cana cerebral de que são apançados ao simples contacto da pena que alucina, destrói o equilíbrio e faz irromper o disparate. Estes escritores ou oradores — a observação deve ser vossa — invadem os jornais, dominam os parlamentos e os institutos e são o sintoma da nossa retórica coletiva. E a literatura dos posses... como um outro grande humorista definiu. Mas essa possessão não está em quasi todos nós? Onde a linha, a simetria, o gosto, senão em raros, muito raros? E quantos desses posses não atingiram ao gênio pelo próprio e descomunal exagero dessa qualidade de dessa alucinação racial? Oh! Haveria eternamente do que zombar. Mas valerá a pena?

Talvez algum dia próximo a vossa alma secreta vos pudra treguas a tanto riso e buscareis então o repouso na contemplação estética. Será o momento de vossa segunda emigração à Europa. A primeira vez que peregrinastes por aquelas terras santas da arte e da história, creio que era ainda a curiosidade indelicada que vos conduzia. O artista não se deixa revelar em vosso espírito o pensador começava a apontar. Percorri avidamente os vossos escritos para descobrir as impressões europeias e não achei senão um vago traço... político. A Itália e, nomenclatura vossa, as páginas, o país de Cavour e Garibaldi... Esperem-vos a volta da futura viagem. A Itália vos terá revelado o sentimento do sensualismo que lhe inspirou a arte e a vida. Ali tercia a compreensão meridional na transparência do ar, no fulgor das cores, na melodia das vozes, que pareciam tudo arrebatar numa dança e num vôo... Ali assustáveis a animidade do amor, que de tão profundo é inocente, sentires a febre que agita a existência e todo enlaça, tudo aspira incorporar no universo, na tragédia dos sentidos, na posse final, na eufonia dos seres. Tumbaréis diante do riso das mulheres, que abre os lábios e a alma; envireis o relicho perpetuo dos fannos, a gargalhada gostosa das baratas e esse misterioso e elétrico frezei que estremece o céu, a cor e os homens.

Não receeis que a transplantação provisória seja para vos a morte do sentimento brasileiro. Contai com a saudade brasileira e benéfica. A produção literária ou artística certamente obedece ao temperamento individual. Mas o fato de estar em contacto direto com os assuntos é muitas vezes motivo de inibição para se produzir a obra de arte. A aproximação da o aspecto confuso aos objetos,

tudo se apresenta como uma massa indistinta, empurra a sua representação por sobre as suas artísticas e escritas, e assim de perspectiva, que a arte não pode mais lidar com a realidade da distância, temeridade de lúmens e inexploráveis, exilios, a que muitos de nós sacrificam pelas exigências sociais e agradas um profeta espiritual.

Longe de mim o pensamento de vos deixar ao exílio, e virá, naturalmente, sem pausa, a hora em que vos obrigará a eterna consolidação. Fica o mais tempo possível conosco e continuai a gloriar nas nossas pequenas. Desta forma nos seremos menos tristes, vendo a esplêndida expansão dilatantando sabores, e a feição da vossa existência cultural. Adivinhemos a voluptuosidade da crônica, a descoberta as mil faces das coisas, que divaga, desliza, jacta, fatos, subtil e ágil, como o passar no ar e sabemos tudo encanto que vem da água do faro em sentir o interesse que exalta instantaneamente as multidões e essa tenaz persistência em ser o primeiro a deslizar o assunto. Quantos assuntos pode esse curioso tocar em cada dia! O vosso sábio nato de cronista é delicioso, mas será o outro, e nos dá testemunho de que o exílio discretamente, sabidamente se afogou, com a prudência de um sábio e canto estilo de professor.

Seguramente nessas condições como nos ensaios e lições, mas o vosso trabalho intelectual resume uma aspiração de síntese filosófica, que além de extrair de raça, é imposta ao sangue com um pendor de filosofia. A filosofia foi a face que sorriu ao vosso nascer. Tendes necessidade de prescindir de inquirir das coisas secretas das coisas; e desejo ardente de explicar o inexplicável e subordinar tudo ao conceito, um só princípio, uma só verdade. Não, temos qual seja esta coisa absoluta. Estamos, porém certos de que a possível, as últimas palavras chamadas de entusiasmo nos proferimos o próximo rizado da Verdade. A Academia é o rio, Filatos que duvida de qualquer verdade. E ainda que a filosofia é experiente e encantada. Não tem escrúpulos em se pôr para por instantes as mãos, que por mais inocentes que sejam, são sempre antigas, pois que são as mãos. E no processo de criação do pensamento e da forma, a Academia é aquela singular e privilegiada função maternal, que é o impulso remotíssimo da vida e que se funda a subordinação. Para ela a verdade acerca todos nós, a coerência da sua própria existência, o desenraizamento das nossas ilusões individuais, a vergência das nossas ideias absolutas de cada um formamos o relativo de todos. A verdade são quarenta bocas que se confundem.

No fundo tais opiniões não têm, em sua infabilidade, traída por vossas palavras. A peregrinação que fizestes por vários sistemas filosóficos, de onde sem dúvida o desceio crítico e o repulso amplo e benéfico. Não há muito tempo destes o balanço do vosso espírito e vos arreigastes ao critério. Não sei até onde Kant nos tornaria como um discípulo desde que pelo impulso coletivo do temperamento multilateral, no monismo filosófico, que é o flumen para o pensamento e para o idealismo transcendental. Mas queremos conciliar as inconciliáveis, as fontes do verdadeiro filósofo de vosso espírito. O pensador que vos inspirou, aconselhava que

SANS-SOUCI -- SOUZA BANDEIRA

O castelo de Sans-Souci, em Potsdam, residência do grande Frederico, é um fragmento do século XVIII, que, batizado a uma das grandes cidades que agitam a Europa do século passado, chegou intacto até nossos dias.

Um parque, destinado ao gozo de então, o castelo, com o seu estilo rococó, os aposentos, com uma mesma decoração e mobiliário da grandiosidade e cheios de significativas reminiscências da vida que ali reinou, transportam o espírito para o tempo em que o rei filósofo, criado dos mais brilhantes espíritos contemporâneos, fazia de Sans-Souci o refúgio do bom gosto e do livre pensamento, enquanto por uma administração cruel, a sã vida lançava as bases do império alemão. A vida deste homem extraordinário, revivida no seu século, com o seu apurado gosto, a sua sensibilidade, o seu espírito distintamente francês, a sua bravura cavaleiresca, mas também os seus defeitos, os seus crimes, e, confissão, as suas torpezas.

Tudo em Frederico II é paradoxal e inspirado. São lógicas as suas reviravoltas da sua carreira, que a um espírito como Carlyle parece necessário para explicá-las, considerar o grande rei uma espécie de misterioso instrumento do destino, envergando o espírito do seu tempo, afirmado e representativo da nação, que em pouco mais de um século fez e causou a mais rápida mudança política de que fala a história moderna.

É conhecida a educação que lhe deu seu pai, Frederico Guilherme, epíteto de sargento, sordidamente avaro, orgulhoso da sua ignorância, profundamente possuído do desejo de engrandecer o seu país, mas professando o mais absoluto desprezo por tudo o que fosse intelectual. Preocupado em formar a sua guarda de gigantes, que pagava o preço de ouro, tratando de aumentar os seus Estados, povoa-los e agricultá-los, não tinha outros interesses senão absorver doses inconcebíveis de cerebros entre fumadas de cachimbo, no seu "Tafelberg" um. A tudo o que o contrariasse a sua vontade despótica, ou lhe lembrasse alguma coisa de ideal, ele opunha a sua inflexível divisa: "Nicht raisonnieren".

Compreende-se bem que tais princípios, aplicados à educação, produzissem a condenação absoluta da arte, da literatura, de tudo, enfim, que levasse o espírito do jovem príncipe além das limitações da vida, às quais ele sabia chamá-lo, a fim de pôr, por palavras e gestos da mais grosseira brutalidade. Entretanto, o efeito de tal educação foi inteiramente contraproducente. Apesar de não ter o pai quebrado nas costas a flauta que mais vez o surpreendera tocando, cultivou ele este instrumento até à velhice. O francês, que aprendeu as recordações, foi a língua que escreveu e falou até o fim dos seus dias, com prejuízo da sua língua, que afetava desconhecer. E comquanto a sua instrução tivesse sido benvida, por imposição paterna, a literatura, a filosofia e outras coisas, Frederico sobrepuja o título de filósofo de rei, e tão apaixonado foi da literatura, que até nos campos de batalha fazia versos, se não que medievais.

Não curava, porém, esta revolta poucos dias, pois no princípio. Constantemente caía impaciado sobre ele a bengala paterna, em presença da corte. Mais de uma vez a sua vida correu sério perigo de uma feita que estava a ler versos, salvando-o a custo os cortesões da fúria do rei, que o

queria estrangular com um cordão de cortina. Para fugir a tão desagradável vida, tentou Frederico desviar para a França, cuja literatura o fascinava. Fugiu, protestando e encarcerado, viu familiar em sua presença a oficial que o acompanhara na escapada, e deu-se a conservação da existência a intervenção dos soberanos amigos. Quando, aos 22 anos, saiu da prisão de Küstrin, onde teve tempo de ler as obras de Voltaire, vinha fortemente aparelhado para a vida, e as suas qualidades boas e más, havia necessitado a dissimulação.

Pede, portanto, reconciliar-se com seu pai, acompanhando-o na administração do reino, aprender a arte da guerra e preparar-se tranquilamente para exercer o papel que lhe estava destinado na história.

Uma vez rei, Frederico deu plena expansão aos seus gostos e hábitos, e aí começa a vida de Potsdam, no castelo que fez construir e onde viveram durante tantos anos os mais gloriosos espíritos da sua época, tendo com ele altíssima correspondência os que lá não estiveram. Como deviam ser fulgurantes de espírito, de malícia, de bom gosto e de profundidade, as conversações em que brilhavam Maupertuis e La Mettrie, Algarotti e D'Argens e onde dominavam Voltaire e o próprio Frederico.

Ornada de estatuas e tapeçarias, ainda existe, tal qual a sala oval dos banquetes, onde tinham lugar as célebres cêas de que disse Joseph Chénier:

*La régalât chez un roi l'esprit philosophique
Et l'empire à souper passait en république.*

Ainda se vê a biblioteca, exclusivamente composta de livros franceses. Compreende-se então perfeitamente que o espírito da enciclopedia, brotando daqueles alfarabões, levou o livre pensamento por todo o mundo culto, atuando com igual intensidade, sobre os desconhecidos burgueses que seriam mais tarde os terríveis jacobinos da convenção francesa, e sobre o rei filósofo que fundava a sua tirania na própria vontade absoluta, já que o seu ateísmo demolia o direito divino. Os livros todos, indicando um constante versar, são cobertas de notas intertextualíssimas da mão do rei, todas em francês.

Nos quadros que guardavam os aposentos, muitos verdadeiras obras primas, brilha a arte francesa. Nos Watteaus, Lancretis e Paters, vê-se palpitar aquele sensualismo refinado e comedido, aquele bom gosto equilibrado e distinto, aquele ecletismo delicadamente irônico, aquele conjunto de coisas finas e deliciosas que constituem o inconfundível caráter do mais corrupto e mais inteligente dos séculos que passaram. Os móveis, os tetos, as esculturas, o quarto de Voltaire, tudo nos fala no século XVIII francês. Em uma das salas vê-se um grande relógio, parado justamente, como para comemorar a lússia, na hora em que morreu Frederico.

No parque está o cemitério dos seus cães, com lugar especial para um que lhe salvou a vida. Conta-se que no momento em que a tomar uma xícara de chocolate caiu-lhe dentro uma aranha. Enojado, ele deu o chocolate ao cão predileto que lhe estava ao pé. O animal morreu imediatamente. No mesmo instante o cozinheiro, sentindo-se descoberto, suicidou-se. O cão tem o seu monumento à parte, e ainda hoje vê-se pintada no teto uma aranha, no lugar preciso onde se deu o fato.

As fundo está o famoso moinho, hoje pertencente ao parque e que tem servido para banalíssimas

mas citações de tantas gerações de jogadores de monchoe erudito, quando graças a compaixão da poesia de André Breton, amam a miséria humanitária com a justiça dos juizes de Berlim. Se o grande Frederico, cujo bom gosto era tão famoso na trivialidade, tivesse adivinhado a triste sorte do moinho, hoje pertencente ao castelo, certamente teria deixado em paz o moinho, antes da última resposta, tão injustamente estragado pela barba-reira poeira.

As relações de Frederico com Voltaire, que tiveram por teatro o castelo de Sans-Souci, são interessantes. A admiração que tinham um pelo outro os dois grandes espíritos, a rivalidade que os levava a se ajeitarem constantemente com ditos do mais venenoso espírito, as rúscas reconciliações e reconciliações, as ridículas misturas de lei para com o grande filósofo, as peritidos e tranças com que este se vingava das perseguições, tudo isso faz um admirável quadro, em que o sublime e o ridículo e até o abeto se fundem na mais deliciosa e amálgama, tendo, porém, como fundo o elegante ecletismo que constitui a feição fundamental do espírito de ambos.

Este ecletismo do rei, que o acompanhava em todas as modalidades da existência, permitia que ele arriscasse impávido a vida dos seus soldados nas guerras que empreendia a frio, sem a impetuosidade de um grande guerreiro profissional, mas com a serenidade de um jogador de xadrez movendo as suas pedras.

O absolutismo da sua ditadura concentrava nas suas mãos todos os poderes do Estado, ao ponto de não ter ministros e absorver pessoalmente os mínimos detalhes da administração, reduzidos os seus secretários, na fase de Maccabey, a simples função de máquinas de copiar. Certo do seu poder incontestável, convencido de que fazia o bem do seu país, professava o mais absoluto desprezo pela opinião pública. Ao passo que não perdia a mais leve crítica aos seus maus versos, permitia a mais ampla liberdade de imprensa e de palavra, e os atos do seu governo eram censurados com muito mais desassombro do que hoje são os do imperador Guilherme pelas gazetas de Berlim. A medida do seu ecletismo a este respeito é dada na seguinte adorável frase: "O meu povo e eu chegámos a um acordo que nos satisfaz a nós ambos. Ele diz tudo o que quer, e eu faço tudo o que entendo".

A separação absoluta entre a inteligência e a vontade era o fundo daquele espírito curioso, e isto explica satisfatoriamente os paradoxos da sua vida. Assim pôde escrever o Anti-Machiavel e ser na prática o mais perfeito cultor do machiavelismo dos tempos modernos. Professava pelo belo sexo os ardentes princípios de galanteria do seu século, e rompeu na mais injusta das guerras contra Maria Teresa, da Áustria, jovem rainha sem amparo e sem defesa. E ordenou que fosse maltratada pelos seus soldados a sobrinha de Voltaire.

No mais forte das peijas, mesmo nas derrotas, divertia-se em fazer versos, e ao mesmo tempo trazia consigo pilulas de sublimado para envenenar-se, se visse tudo perdido.

A fórmula precisa do seu caráter deu-a, no meu ver, Maccabey quando disse: "Em teoria, foi um filósofo francês, na prática, foi um príncipe alemão".

(Peregrinações)

admirável profundidade que eu em seguida sempre a filosofia do seu tempo.

Este conselho teria sido inscrito na sabedoria antiga em



Outra retrata de Souza Bandeira

lutas de ouro, nas academias da Hécate. O grande voo e o delírio do espírito dos jogos da filosofia se podem vir da liberdade e por isso a escola e a contradição, legislando inflexivelmente, envergando as múltiplas e indifinidas contingências que fazem de cada homem um ecletico diferente da vibração universal. Concordo que, pelo fato de serem possíveis tantas filosofias quantas são os homens da terra, não se

deve condenar a filosofia e muito menos a eliminar. Seria a absurda mutilação coletiva a mais essencial função do espírito humano. Aquelles que exprimam tranquilas que a ciência, e somente ela, explique os enigmas do universo, são provavelmente incapazes da síntese filosófica, mas não tem força para extinguir a dos outros espíritos, como não eliminam da vida a religião e a arte. Falando a um filósofo pode-se dizer sem extravagância que as posições da ciência e da filosofia diante dos fenômenos complexos do Ser são bem diversas. A ciência decompõe o universo; conhece-o, discrimina-o, estudia-o nas suas manifestações parciais. Só há ciência do que se pode fragmentar.

Ela pode analisar, explicar cada ordem de fenômenos que a sensação percebe, ela é essencialmente dividível e analítica. Não dará jamais a explicação sintética do Todo, a essência da causalidade. Ficará estranha ao fato supremo do espírito humano, que é o sentimento da unidade infinita do Universo. É a consciência de tal sentimento só não pode ser revelada pela trindade: religião, filosofia e arte. A mística da religião é o sentimento do Infinito, realizado na unidade Deus. A mística da filosofia é o sentimento do Universo, exprimendo-se por si mesmo numa unidade abso-

luta abstrata e transcendental. A essência da arte, segundo um certo lusitano da tonalidade genial do judeu português Spinoza, Jaime Batalha Reis, está "nos sentimentos vagos que derivamos dos contatos sensíveis — das formas, das cores, dos sabores e dos toques — conduzem a indeterminação, à fusão dos seres no supremo sentimento do Infinito".

Diante deste conceito da emoção estética e da essência da arte, o problema da poesia científica que acabastes de examinar e foi o esforço característico do vosso predecessor na literatura brasileira, não fica resolvido? E também não devem cessar por ociosas todas as restrições de assuntos científicos? Não há que proclamar novamente como artistas as formas simbólicas, místicas ou psicológicas, ou a arte inspira-se em motivos de ordem social como a verdadeira e exclusiva arte. Tão profundamente estéticos são os poemas científicos, religiosos e humanos, a epopéia de Dante, o "Divino Xote", a "Tentação de Santo Antônio", os romances de Dickens e Balzac, como os poemas panteístas de Shelley, as alucinações de Poe, o "Peer Gynt", os poemas de Verlaine e as noções de Píndaro. Não é a ciência, não são as questões humanas, nem tão pouco as enfermidades nem ainda as palavras ou o próprio Universo,



Ilustração para um trabalho de Souza Bandeira publicado em "Renascença" (Junho-1933)

que por uma impressão positiva dão a impressão da Arte. Esta pode resultar desses mesmos assuntos, se o artista extrair deles, e comunicar aquelas sentimentos vagos, indefinidos que constituem a essência da estética, e nos dão a emoção do Infinito, que está em cada homem. Tudo pode ser objeto da poesia. Martins Ja-

nior, movendo-se com a lição da seleção natural, com o exemplo de Newton, ou com um texto das Fandactas, será um grande poeta se ele nos deu o voo da poesia íntima, que por acaso sentiu em tais assuntos.

Aquela preocupação científica, ou melhor, social do vosso predecessor não era um sinal de

(Continua na pág. 292)

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

LUIZ EDMUNDO Algumas Fontes sobre Luiz Edmundo

Luiz Edmundo da Costa, é filho de Edmundo Pereira da Costa e D. Maria Joana de Melo Costa. Aos vinte anos,

fundou e dirigiu a "Revista Contemporânea", curiosíssima publicação em cujas páginas se congregavam os rapazes de talento, que, vindos do Parnasianismo e do Simbolismo, procuravam uma nova corrente de inspiração para a poesia e prosa brasileira. Em 1899 e 1900 trabalhou na "Imprensa", de Almeida Guanabara, passando em seguida para o "Correio da Manhã", que Edmundo Bittencourt acabava de fundar. Publicou então o seu livro de estreia, "Nimbus" (1899). E desde então se manteve na vida literária e jornalística. Fez várias viagens a Europa, e dedicou-se, de alguns anos para cá, à reconstituição da vida e do passado cariocas.

Luiz Edmundo acaba de ser eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga de Fernando Magalhães, cadeira número 33. Tem ali como patrono Raul Pompeia. O fundador da cadeira é Domício da Gama.



Luiz Edmundo, num desenho de Marques Junior

"A Manhã" — Nomes do dia — 24 de fevereiro de 1944; 19 de maio de 1944.
"Correio da Manhã" — 12 de janeiro de 1944.
"Vozes do Leste" — 22 de junho de 1939 (reportagem de Lourival Coutinho).
"Dom Casmurro" — 23 de novembro de 1940 (entrevista de Clóvis Gasmão).
"Sacramento Blake" — "Dicionário Bibliográfico", volume 5º.
José Veríssimo — "História da Literatura Brasileira", 6º vol.
"Estudos" de Literatura Brasileira, 8º volume.
Muc. Leão — "O Rio de Janeiro do meu tempo" — "Jornal do Brasil" — 24 de setembro de 1938.
Henrique Perdigão — "Dicionário Universal de Literatura" — Tristão de Aláide — "Contribuição à História do Modernismo" (artigo sobre "Rosa e Ventos").
Humberto de Campos — "Perfil" (primeira série).
Paulo Barreto — "João de Deus" — "O momento literário".
João Ribeiro — "Rosa e Ventos" — "Imparcial" — 30 de outubro de 1919.
"Marquês de São Paulo" — "Estado de São Paulo" — 19 de agosto de 1926.
Agrupamento Gráfico — "Rosa e Ventos da Poesia Brasileira".
Nas capas dos três volumes de "A morte de D. João" — "Rio de Janeiro", estão as seguintes opiniões sobre Luiz Edmundo, assinadas pelos seus maiores escritores:

Azevedo Amaral, Heitor Pinto, Paulo Filho, João de Deus, Carlos Mau, Leoncio de Almeida, Bastos Tigra, Agostinho Glicia, Heitor Lima, Alberto de Oliveira, Viriato Correia, Antônio Peixoto, Frei Pedro de São Cypriano, e João Ribeiro, da Cunha. A. Leão Veijoso, da Cunha, Fábio Luiz de Oliveira, Castellan, Raul Berroneira, Corinto da Faria, Abade Faria Rosa, Alvaro Benício, Noronha Santos, Plácido de Lemos, Julio Dantas, Bortolun, Munia, Sílvia Patrício, Alvaro Paes, Antonio Gonalves, Raul de Azevedo, Pedro de Couto, Alajoso de Castro, Carlos Góes, Eliot Pontes, Waldemar Giese, etc.

BIBLIOGRAFIA DE LUIZ EDMUNDO

— Versos: — "Nimbus" — versos — 1899. "Turibulos" — versos — 1900. "Turris Eburnea" — versos — 1902. "Poesias" (primeira edição) — 1907. "Poesias" (segunda edição) — 1908. "Rosa dos Ventos" — versos — 1919. "Poesias" (terceira edição) — 1924. "Poesias" (quarta edição) — 1944. "De algumas fábulas de Trilussa" (tradução) — 1927.
2 — Prosa: — "A Marquesa de Santos" (peça para teatro, premiada pela Academia Brasileira de Letras) — 1924. "Dom João VI, (peça para teatro) — 1924. "Independência" (peça para teatro) — 1925. "Lapel à la raison" (peça para teatro em francês, representada pela Companhia Grettill, no Teatro Municipal — 1926. "O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis" — 3 volumes — Imprensa Nacional — Rio 1938 — Esta traduzida para o inglês e para o alemão. "A Corte de D. João VI no Rio de Janeiro" — 3 volumes — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1940.

PARA ONDE?

Na garupa febril deste animal possante,
Que me lembra um centauro enraivecido e bruto
Vejo o mundo passar veloz e palpitante,
E a voz humana e a voz da natureza escuto.

Perguntam-me: Aonde vais, ó cavaleiro andante?
Que ardor te leva assim tão forte e resolutivo?...
Buscas acaso a flor de um sonho extravagante?
Que vai contigo? O Bem? o Mal? o Riso? o Luto?

E eu deixo este animal de trágicos furores,
Que é o Desejo e que tem as asas dos condores,
Na corrida veloz que me arranca do mundo,

Pouco importa saber onde me atira a sorte,
Corra, embora, febril, para as portas da morte,
Para o profundo céu, para o inferno profundo!

OLHOS TRISTES

Olhos tristes que são como dois sóis num poente,
Cansados de lutar, cansados de girar;
Olhos de quem andou na vida, alegremente,
Para depois sofrer, para depois chorar.

Andam neles agora a vagar, lentamente,
Como as velas das náos sobre as águas do mar,
Todas as ilusões do vosso sonho ardente,
Olhos tristes, vós sois dois monges a rezar

Ouco, ao ver-vos, assim, tão cheios de humildade
Marinheiros cantando a canção da saudade
Num coro de tristeza e de infinitos ais...

Olhos tristes, eu sei vossa história sombria
E sei quanto chorais cheios de nostalgia
O sonho que passou e que não torna mais!

OLHOS ALEGRES

Há uma lágrima, sempre, atenta em nossos olhos
Uma lágrima branca, uma lágrima pura,
E assim como no mar os traqueiros escolhos,
Ela, escondida, a flor das pálpebras procura

Ai fica parada; os íntimos refolhos
Da nossa alma refletem, e quando uma ventura
Em riso nos entreabre os lábios, com doçura,
Ela, a lágrima, fica a nos tremer nos olhos.
Eu, que as moças e que ris e não sabes da mágoa
Do mundo, tem cuidado, olha essa gota d'água,
Se não queres da vida achar-te entre os abrolhos;

Ei, não ri devagar, que a lágrima traço-eira,
Tilven vendete dir assim dessa maneira,
Treme e cansa afinal um dia dos teus olhos!

O BEIJO E O VINHO

Tu te lembras, estouvada,
Quando, sem modos, sem pejo,
Enchendo a boca de vinho,
Passaste-o, devagarinho.
A minha boca, num beijo?
Achei a ideia engraçada
E original o maneio...
A tua boca encarnada,
A beijar-me de mansinho,
Sorria pelo meu beijo,
Toda manchada de vinho,
Desde esse dia não vejo.

Para minha alma embriagada,
Outra boca em meu caminho,
A causer, entanto, estouvada,
Dessa embriaguez de desejo,
Mais doce que o teu carinho
Não pude ter decifrada.
Não sei si foi o teu beijo...
Não sei si foi o teu vinho.

VENEZA

Veneza. Nos canais que a luz do luar prateia,
Vão as gôndolas como os cisnes, a bolar,
E a voz da serenata é um canto de sereia
A subir, a subir, da quietude do mar.

Na gôndola de prata a rainha passeia,
Toda de branco como uma camélia ao luar
E, enquanto esplende a luz calma da lua cheia,
Fica a gente a sorrir, fica a gente a sonhar!

Eras bem a Veneza que eu imaginava,
Como uma virgem loira, a cabeleira flava,
Irmã casta da lua, alva noiva do mar...

E tu cantas enquanto a voz da serenata
Sobe e a rainha vai, na gôndola de prata,
Toda de branco como uma camélia ao luar.

Veneza — 1905.

LONDRES

Londres, ao por do sol, és um lamento
Nessa luz fria, amarelada e buça,
Que vem de um céu tristíssimo, um céu cinzento,
Tudo feito de nuvens e fumaça.

Do céu, a olhar-te, eu sinto o pensamento
Que se me foge e vai e o oceano passa;
Céus claros do Brasil, ó firmamento,
O' nostalgia que a alma me traspassa!

Como tudo de subito entristece
A essa hora escura, quando o rio desce
E a alma da noite sobre as coisas erra...

Se há um Deus que o mundo fez e ao mundo dá,
Por que fez Ele um céu assim tão triste?
Que saudades do céu da minha terra!

Londres — 1905.

O MOINHO

O' moinho solitário! O' moinho triste! O' moinho!
Tu me evocas assim, à beira do canal,
Por este céu que tem laivos de ouro e de vital,
A Holanda que sonhei, num quadro de Ruysdael.

O teu vulto de atleta, o teu vulto disforme,
E bem no espelho azul das águas de cristal,
A imagem do teu corpo e da tua alma que dorme,
O' moinho, não terás uma vida animal?

És um homem que sofre, és um homem que ama,
Por esta grande tarde anil de primavera
Que te arrancam do peito a serpente do mar.

Eu me revejo em ti, moinho quedo e silente,
Como tu te revês, olhando, tristemente,
A água que corre azul no leito do canal...

O RENO

O' Reno amigo! O' Reno das baladas,
Que outrora Goethe e Uhland cantavam,
E onde, por noites altas e estreladas,
Os castelos feudais se debriçavam!

Das tuas águas que rodam, das tuas águas,
Ainda ouço um verso de Heine, o amargo verso
Em que ele canta as suas velhas mágoas
E que ainda trazes no teu seio imerso!

Tu, que de poetas louros foste, outrora
O canto mais formoso e mais-amado,
Rio do sonho azul, que és tu agora?

— Águas brutadas ao pé de uma montanha,
Que chi ao mar, depois de ter banhado
O comercial Império da Alemanha!

CONTEMPORÂNEA - 1.ª Série - Antologia da Poesia - XXVI - Luiz Edmundo

CORAÇÃO TRISTE

... que inda está e que tem o coração partido;
... ainda choras o amor que te foi de repente,
... do coração, quando ele está ferido,
... pela luz do olhar, só pela mão tremente,
... descobrir quando se sofre. A gente
... que esconde palma o rumor de um gemido,
... não vê, não supõe que, num gesto somente,
... simples gesto trai-se o coração pungido,
... sabe negar o que sofre. O riso
... hoje traz no lábio apático e indolente,
... explicaria o mal que te gopeia,
... a tua dor que ninguém mais estoca...
... coração é uma canela brava
... alguém beijou de leve e sem querer machucou...

O RIO

... lá lembra bem a minha alma de poeta,
... a correr, a correr, entre matas floridas;
... alma boêmia ora calma, ora inquieta...
... conseguem ser iguais as nossas vidas!
... onde vou. Por rotas e desfilas,
... a seguir, sem destino e sem meta,
... luas de luar, ou por manhãs brumidas,
... não contas como eu, a tua dor secreta...
... remansos de lago, ... eu, dias de sossego,
... ramos, em flor, em teu dorso tranquilo,
... dentro de minha alma, as ilusões corrego...
... rocha abrupta em teu impeto forte,
... passo pela dor, si a não domo ou aniquila...
... esqueço para o mar. Eu algo para a morte,

VIVA LA GRACIA!

Culte Alencá. - Manolita
Que vais a Puerta del Sol,
Consejo, Concha ou Paqueta,
Se de Madrid senorita,
De Segovia ou de Petrol?

Tens dos versos de Zorilla
A essência meridional.
Com o teu manto de Manilla
Levaste, molas de Sevilla
Perfumes de naranjal.

Dias de toiros fanfarras,
O estouvamento febril
Das seguidillas bistras
Com Xerez e com guitarras
E requiebro de quadril.

De onde viés, flor rescedente,
Nossa alegria louça
Que perturba toda gente?
De um livro de Benavente?
De um quadro de Zurbarán?

E Manolita, apressada,
Indiferente e veia,
Nem vê minha alma abraçada
Que a segue pela calçada...
— Viva la gracia! Por Dios!

AQUELA LÁGRIMA

... no dia eu não poder vencer esta amargura
... e ninguém vê, porque a escondo do mundo;
... eu não poder calar a mágoa escura
... meu sombrio amor, do meu amor profundo;

... não ablo confiante, amoso, a descoberta
... envio inteiro como não há segundo;
... me covices fajar a frus mal segura
... não tem o olhar alto, e preaviso, e fundo,

... em malícia da minha nucaudel
... certa que lá, num gesto de piedade,
... afinal, os lábios reboam

... minha alma que toda em prantos se desata,
... deixas cair a lágrima de prado
... por outro eu já vi brilhando nos teus olhos...

Manolita

A tua da tua boca,
Que é uma flor linda e viciosa
Deixa beijar... Mas que amara
Que 'idéa' insensata e louca
Fugiu de uma maneira!...
Vem cá e beija, formosa,
Eu posso beijar a rosa,
Sem fazer mal a rosaria...

Luiz Edmundo

Par-Smile de autógrafo de Luiz Edmundo

AMOR

Este é um carro triunfal, piastrô de rodas de ouro;
Arrasta-o sobre o mundo, em fúria desbrida,
Um estranho animal que lembra na corrida
A bravura de um leão e os impetos de um touro.

Nada lhe embarga o passo. O abismo, o sorvedouro
Calca, doma, sublinha e leva de vencida;
E os homens em tropeis cheios de ardor e vida
Vão atrás dele como atrás de algum tesouro.

Triunfalmente altiva o olhar forte, os cabelos
Brasando como a luz de setestrelas,
No piastrô, uma mulher passa o mundo fiando;

Na mão esquerda, como um símbolo perfeito,
Leva um lírio que tem o cálice direito,
Na outra, feroz e brutal, leva um punhal sangrando...

NEUROSE

Meu sangue esalda e queima e é um rio que deriva
De uma forte maldita onde os cardos nascem;
Sinto-a no corpo a arder como uma chama viva
Que a meu desejo e os meus cabelos incendiassem.

Minha aversão ao mundo é feroz, instintiva,
Ódio o branco e o preto, os carneiros que pascem
Dentro do coração sinto que a alma estiva
Chora como uma boca a quem amaldiçoassem.

Um gênio singular, de uma expressão sombria,
Acompanha-me o passo, e eu me curvo e submeto
Sempre a este anjo do mal, de asa nervosa e fria.

E o Tédio: si a asa move, um frio a alma me invade,
Passa-me toda a carne e gela-me o esquelito,
Gelando-me o vigor, gelando-me a vontade.

SEMPER

De te amar só me nascem dissabores.
E eu apesar de tudo ainda te anseio,
Com aquele mesmo ardor e mesmo enleio
Que já viram teus olhos tentadores.

Por que Deus fez o mundo assim tão cheio
De desgraçados e de sonhadores?
E dizer que bendigo as próprias dores
E o fel que por ti truro no meu seio!

Partiste um dia e o coração magoado
Sentiu como quem morre ou não resiste
A um golpe duro por alguém vibrando...

Vieste e eu sofri e não sei por que contriste
Eu, que tanto chorei quando partiste,
Choro ainda mais sabendo que voltaste!

AB IRATO

Senhor! Eu creio em vós, porém não creio
Na vossa mão de graça e de perdão;
Que o mundo se de mãos e tão cheio
E' que olhai para ele sem piedade.

Embora para a vossa divindade
Levante o meu olhar com febre e anseio;
Vós, por dura vingança ou por maldade,
Negais-me a vossa amor como a um anjo.

Se tinheis de fechar os nossos olhos
E de nos levar entre os abrolhos
Da vida como naufrágios e tristes;

Por que viestes à Terra Prometida
Prometer-nos o sonho azul da vida?
Dizei-nos: Por que foi que nos mentastes?

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

CONTEMPORÂNEA - 1.ª Série - Antologia da Poesia - XXVI - Luiz Edmundo

ERA EM SETEMBRO VERSOS A CLAUDIO

Era em Setembro, lembra-te? A noiteinha,
Sempre que mistoso por te ver chegava,
Tremulo, como tãnta andorinha
Se as tuas mãos nas minhas apertava.

E o amor que nos olhos meus, tindo, cantava,
Também nos lábios teus ríbeis vinha;
Faltávamos e quanto eu mais falava,
Mais que falar em nosso amor eu tinha.

Era em Setembro, lembra-te? Eu partia...
Inda em teus olhos a minha alma presa,
O meu rosto de pranto se cubria.

Que dor não conhecida e sem piedade!
Erui teus olhos cheios de tristeza,
E eram meus olhos cheios de saudade!

NOVA AFRODITE

Quem sabe? Ninguém sabe, é um mistério profundo,
Que a ti, moçona, talvez, nem fosse revelado;
Certo, um Deus de poder estranho e ilimitado
Quis os homens vencer e te baixou no mundo

E esse novo Satan, mais perverso ou juízo,
Fazendate o espíndio da carne e do pecado,
Deixa morrer de amor o mundo desolado
Ao perfume sutil do teu seio infecundo.

Mulher! Guardas no olhar o destino da vida,
Onde a alma ardente vai, embriagada e vencida,
Vendo a morte fatal e querendo existir.

No teu seio onde cala o mundo exausto e languê
E o veneno do amor corre como o teu sangue
Dorme-se sem querer, morre-se sem sentir...

Olha esse riozinho azul que vem da serra
E é um fio de cristal que vai rascando
O seu bom e uberrimo da terra,
O campo das lavouras fecundando.

Vem claro rotulado entre açucenas
Junto a um riacho negro e luzido,
Nem vai ao mar, que o pobre rio apenas
É o simples tributário de outro rio.

No entanto, olhe-se o campo em que ele deves,
A paisagem que o beira e que o emoldura,
O arvoredo copado, o trigo em messe,
Das campinas a esplêndida fatura.

Tudo é fecundação, vida, A semente
Cai sobre a terra e brota, E caminhando,
La vai ele descendo, lentamente,
A riqueza das humeas espalhando.

Val, adiante, na curva de um caminho,
Num movimento de água em cachão,
Ele é que faz mover o velho moinho,
O trigo moendo e preparando o pão.

E, quando a noite, pelo céu sombrio,
Desce por sobre o campo e sobre a vila,
O homem na paz dos seus beizos o rio
Que a existência lhe torna mais tranqüila.

Deus, ao fazer a natureza, um dia
Pôs nela toda a luz do seu ensino,
Por isso este regato cristalino
Vale um compêndio de filosofia.

Basta nele, meu filho, o teu retrato
Se útil, simples, bom pra ser humilde

Muita vez a humildade de um poeta
Vale todas as glórias de um oceano.

EXTASE

Hoje que és minha e que em meus braços vejo
Teu corpo leve, raso e pertumado,
Que a nota viva e ardente do meu beijo
Toda torna mais leve e mais rosado;

Hoje que afogo ansioso o meu desejo
De vida, de ventura e de perdão
Na tua boca, a rir, e de sobito
Sinto a alegria ideal de ser amado;

Hoje, que gluto a febre que te aquece
O coração e vem posar-te no fôlego,
No arcor que as almas novas e tremêdas,

Pem, é assustada e tremula andorinha
Como eu pensa se me não magoça,
Como eu sei se se não fazes minha!

MEU NATAL EM BERLIM

Céu da Alemanha, pálido e vazio,
Tão diverso do céu do meu país!
Avores mortas pelo grande frio,
Cada tronco parece uma cruz...

Do meu quarto de enfermo, vejo o rio
Pardo, por entre a neve por de gíz,
Ombro de Fe. Então, onde elas? Perdida,
E dizer que fui forte e fui feliz!

Hoje o médico veio, Olhou-me, olhou-me,
E, cheio de bondade, consolou-me.
— Há de ser outro quando o céu vier.

Dedos de gelo apertam-me a garganta...
Ora, afinal, a Morte não me espanta,
Que a pior muitas vezes, é viver.

II

Relógio antigo, amigo e companheiro
Das minhas nostalgias;
Das minhas mágoas de hoje e do escudeiro
Como o fôto das minhas alegrias.

Relógio, que és meu médico e enfermeiro
Nestas noites vagas
Ou cheias de dores e febres,
Não queiras tu servir-me de cobreiro...

Teu coração não calise
Na tua regular obrigação,
O teu poente, como a vida, avança.

Lembra-me meu coração,
Cada segundo teu é uma esperança,
Cada minuto, uma desilusão.

SAUDAÇÃO A SOUZA BANDEIRA -- (Discurso na Academia Brasileira) PEREGRINAÇÕES -- Tristão da Cunha

(Continuação da pág. 268)

seu temperamento de sonhador político? A política de Martins Junior era um entusiasmo poético, como a sua poesia foi um sonho político... Em ambos os aspectos ele não se definiu precisamente e o que é singular, as idéias positivas, científicas, ficaram na poesia, as idéias vagas, abstratas, constituiram a síntese social. Parecia haver entre esses compartimentos de um mesmo espírito um obstáculo invencível, insuperável, criando de cada lado um mundo diferente do outro.

Se Martins Junior tivesse trazido para a política a ciência da sua poesia, teria compreendido de outro modo o processo da nossa história. O seu determinismo talvez explicasse por uma idéia central cada erro de fatos da história política do Brasil. O primeiro reinado seria a explosão do espírito de nacionalidade; o segundo reinado seria o princípio da unidade nacional e o sentimento da liberdade espiritual; a república se definiria como o espírito particularista, provincial, mentido pela organização militar. O vosso predecessor teria visto que, exceto no primeiro reinado, houve nos outros períodos uma transposição de valores extemporâneos, determinando a corrupção de sentimentos, de instintos que falsearam as idéias. A unidade nacional foi feita violentamente, antes da completa extinção do espírito provincial; a liberdade

de espiritual degenerou em desordem moral. O Império teve a sorte de destruir os princípios conservadores da sua própria estabilidade. Na República o provincialismo revive apoiado no espírito militar, cuja preponderância se apresenta como uma reação contra o sentimento burguês do Império...

O vosso predecessor viu de outra forma esses fatos. E nos ouvimos as palavras piedosas com que nos descrevestes a destituição em que se findou aquela meiga natureza humana. Não sei se ainda é tempo de vos manterdes repletamente na arte e na filosofia. Terceiro há uma grande convergência de vossas energias espirituais para a outra margem... Seria decidir pelo relativo contra o absoluto. Que valem as guerras as combizações da racionalidade, a partilha do mundo a vista da suposta descoberta do "gradiente"? Onde está a eternidade do império romano diante da doce fragilidade da Eneida? Que resta da Grécia, que não seja arte, ciência e filosofia? Essas e que são as forças vivas da Humanidade, porque são as necessidades capitais do espírito.

Mas se sentistes o contacto do sofrimento, se a piedade vos move e inspira, haveis de conhecer a pungente orbe, que é a serena paisagem da emoção humana e social para aquele catado do predomínio exclusivo da inteligência... E

a delízia e embriagada fuga do céu do sentimento para o da filosofia e da estética. A arte é a libertação e pelo seu livro e magnífico surto o homem se torna um companheiro das estrelas... O sonho e o da vastidão, múltipla e eterna transformação; tudo passa, tudo se dissolve, tudo vive, e quem sabe? Tudo recomendará outra vez a lúgubre marcha de forçados... São os brôncoos tanfáticos dos átomos inconscientes. E toda a força seja o sol, seja da Terra, seja da floresta, seja da mulher, e a expressão do "fieri perpetuo", a contínua vibração do Universo a vertigem assombrosa das peregrinações instantâneas do Eterno... Então, diante do primitivo e fugitivo renascer na consciência do filósofo cresce a suprema indiferença pelas simples incógnitas, a tremenda resignação à fatalidade cósmica, ou a revolta inútil e amarga das decepções. Agora não é mais possível voltar ao céu humilde e borçoso de onde partiu; há a infangível subordinação ao império da filosofia e da estética absoluta que não permite mais revirar aquela alma passada, cheia de ternura, de piedade e de lição humana. Pensar, compreender... E tudo? Mas por que mesmo no Nirvana, o amor e a compaixão? E o mistério profundo da nossa complexidade tenebrosa...

(Discurso Académico). Vol. II.

Souza Bandeira publicou um livro assim chamado, que lhe inspiravam suas viagens. Peregrinações são jornadas longas por terras de longe, mas são também romãs ao logradouro sagrados. As jornadas do meu amigo levam fim piedoso. Diz-se-nos ele que "busca o ideal. Não que o haja ouvido a glória de Deus ou o serviço da Igreja. Ele é anti-clerical. Mas os sacabinos e pedreiros-livres são todos mais ou menos religiosos. Papistas não são, nem reformados, mas tem sua fé leiga. E praticam-na, que é a nova. Creem na Justiça e na Paz Universal).

Por isso, se vades correr mundo ao meu amigo, não é para ir folgar a Paris, nem por mercancia, nem mesmo, como faz certa gente descuidada, simplesmente por viajar, por instinto de mudança, sem razões nem programa, sem procurar nada e sem espantar se não encontra nada. O meu amigo sabe a que vai. Um a um, percorrer os santuários da arte e da história. E bem me lembra que um dia me levou a descobrir uma igrejazinha pobre de Paris. Porque o Paris dele não é o da imensa maioria dos visitantes, cujas manias analisa em páginas mordentes, lembrando, às vezes, pela força da expressão e dureza dos contrastes, Filho d'Almeida, mestre ironista.

Sem embargo dos motivos graves, como Souza Bandeira é homem de espírito, suas peregrinações tem o ar de uma am-

vel passeio que nos leva do Rio de Janeiro a Shouenbrunn, e de Berlim a Trafalgar Square. Ele gostaria de transcrever as palavras que dizem a sua impressão ante a Catedral de Lemnarda no Vint, que o tempo vai destruindo do tipo depressa, e se está agitando nos nossos olhos. O que o empolou foi a expressão das mãos, pois os rostos são já quase invisíveis.

As mãos falam ainda, e dizem tudo, as mãos abatidas de Jesus, as de S. João pedrosamente postas, as mãos convulsas dos Judas, todas se erguem num supremo gesto simbólico, que desaparecem sem remissão. Cumprir viajar com o sr. Souza Bandeira.

(Colado do Tempo)

Correspondência de critérios

Carta de João Ribeiro e Souza Bandeira

(Continuação da pág. 271.)

Vasconcelos, que não tenho e não será talvez difícil encontrar em Lisboa (na 2.ª edição, a primeira é muito cara).

Pede-me notícias das que não saem no "Jornal do Comércio". Não as há ou estou quase como o "Jornal", o que não admira, nesse meu envelhecer, que é rápido.

Adcns.
Abraços.
O João Ribeiro.

PAGINA DOS AUTORES NOVOS - XI - Sergio Soares



SERGIO SOARES

OLHOS FRIOS

Vales do mundo,
Cruas de lágrimas,
Flores do mundo,
Cruas de espinhos,
Fases do mundo,
Cruas de dor,
Almas no mundo,
Cruas de penas,
Sempre chorando,
Sempre gemendo,
Sempre gritando,
O se não fossem
Mulher, teus olhos
Puros, tão bons,
Para esquecer...

DESEJO

Sobre o teu túmulo
Pequeno e branco,
Vivia um passado
Em largas curvas,
Nunca baixava:
Jamais o vi
Pousar no mármore
Pesado e frio
Que nos separa.
Como o teu túmulo
Também ele era
Humilde e branco,
Mas certo dia
(Choroso e triste)
Achei-o morto
Sobre o teu túmulo,
Um sangue novo,
Ainda quente,
Manchava a pedra
E requemava
O frio mármore
Que nos separa.
Aí se eu pudesse
Morrer assim...

MULHER-FLOR

Gentíis e frios,
Teu corpo é composto
Souave Efigênia,
Noturna presença,
Humilde Efigênia,
Jamais exigindo:
Amada fiel
Que inda se dá
Em louca paixão,
Acaba morrendo
De tanto me amar...
— Tristeza, Efigênia,
Quando olho pra ti
E penso no dia
— Talvez amanhã —
Em que outra virá
Tomar teu lugar
Na jarra dourada.

SPLEEN

A Maria da Saudade Cortezão,
Tágrima que pela face corre
Lenço amarelado
A visão se alonga
E nada encontra
Solidão crepusculo
(Os menores ruídos são simbólicos)
Nuvens baixas
Espreitam à tristeza
Uma dimensão exqu岸ita.

Sergio Luiz Cruz de Macedo Soares, nasceu no Mello, em 8 de julho de 1920. É filho de Constante de Macedo Soares, médico, e de d. Edmundo Cruz de Macedo Soares, filha do astrônomo belga Luiz Cruz. É, pois, sobrinho do escritor tiatino Cruz. Ainda pelo lado materno descendente de franceses, pois seu bisavô e natural de Nancy, na Lorena.

Sergio Luiz Cruz de Macedo Soares estudou no Lyceu Francês e no Instituto do Ensino Secundário. Em 1940 entrou para a Faculdade Nacional de Direito, sendo forçado dois anos depois, a interromper o curso, por motivo de saúde.

É católico praticante e reside em Belo Horizonte.

Tem publicado poemas em Boletim de Ariel, Diário de Notícias, Revista de Portugal, Diário de Lisboa, O Diabo, Revista de Brasil, AUTORES E LIVROS, etc.

CARROUSEL

No carroussel veloz
Quem herói já não foi?
No carroussel da Feira
Conheci Rosalina.
A noite negra em torno
Não nos amedrontava
Nem o silêncio e a morte
Espreitando de longe.
No carroussel pintado
De amarelo e encarnado
Circos de luzes, gritos
Com música tocando
Fui audaz cavalheiro
Plenamente feliz.
Carroussel, carroussel!
Da Feira de 28
Onde rodava agora?
Em areia movediça?

LEMBRANÇA DO ARLEQUIM

O Arlequim que um dia me
Andando tão sem destino,
Chorando tão sem consolo
No triste, ensombrado cas,
Terá se jogado ao mar?
Que silêncio então fazia!
(Apenas interrompido
Pelo doce marmelhar,
Prometendo, rogando...)
Mas depois, na madrugada
As nuvens se avolumaram
E esconderam o Arlequim.
Igual? Não, pensando
Estava no fundo do mar?

1943.

NOTURNO 1942

Imensa quietude, visível silêncio
Mistério das árvores adormecidas,
e também do mar, onde a brisa repousa,
Mistério do céu nu, sem nebulosas,
e também de olhos sem vida, vazios,
e também de calçados, distantes,
Repentinamente calçados, distantes,
Na contemplação de um espaço sem nuvens,
Mistério das mãos que avançam para as nuvens,
E logo se crispam, desesperadamente,
Mistério das noivas, sonhando tão puras
Enquanto cantavam, implacavelmente
As nuvens da morte, da dor e do além.

Para Gustavo Luis

Mundo branco de pedras e silêncio!
Lentamente, na paz dos elementos
As palpebras se fecham para o sono.

Aqui nem a memória permanece:
Da vida antiga, lápis e traços
Cessam de perturbar o fraco espírito.

Apenas, vago frêmito entre as nuvens
— Serão pombos ou anjos palpitando? —
Impede que o silêncio se estirne.

PARQUE DE DIVERSOES

Da roda gigante veio, de repente, um choro forte,
de criança com medo. Muitos ouviram e não levaram
importância. No carroussel outras crianças se divertiam
e o Palácio das Garças, em frente, atraía
a atenção de quase todos. Eu, entretanto, fiquei pensando
que para os lados do mar, o som daquele choro
de angústia deve ter camuflado com uma liberdade
surpreendente, desenvolvendo-se em harmonia as
ondulações até se ferir a superfície líquida, a fria superfície
das águas, portamente inalterada, não a
possibilidade de qualquer espantosa tragédia.

Lembrança do Arlequim.

O Arlequim que um dia me
Andando tão sem destino,
Chorando tão sem consolo
No triste, ensombrado cas,
Terá se jogado ao mar?
Que silêncio então fazia!
(Apenas interrompido
Pelo doce marmelhar,
Prometendo, rogando...)
Mas depois, na madrugada
As nuvens se avolumaram
E esconderam o Arlequim.
Igual? Não, pensando
Estava no fundo do mar?

1943.

Sergio Soares

Foto-fímia de um autógrafo de Sergio Soares

A POESIA DE CANDIDO

Nota sobre Candido Mariano de Oliveira



CANDIDO MARIANO DE OLIVEIRA

Candido Mariano de Oliveira, filho de José Mariano de Oliveira e d. Ana Ribeiro de Mendonça, nasceu em Sapucaia, Estado do Rio, em 1897. Era irmão de Alberto de Oliveira. Passou a infância nesta capital, e foi professor e farmacêutico. Dirigiu farmácias em S. Sebastião do Alto e em Niterói.

Durante vinte anos, exerceu o magistério público em diversas localidades fluminenses. Colaborou em vários jornais de Sapucaia e Petrópolis.

Em 1931 foi nomeado ajudante de administrador das Correio de Petrópolis.

Era casado com d. Evangelina Eugênia de Oliveira, falecida

antes dele. Deixou cinco filhos: Otília, Palmira, Elvira, Manoel e Paulo — dos quais apenas estão vivos d. Otília, que é professora municipal nesta capital, e Paulo, que é comerciante.

Candido Mariano de Oliveira faleceu em Petrópolis, em 1942.

EXPLICAÇÃO DESTA PAGINA

Em abril de 1941, o diretor de Autores e Livros fez, na Academia Brasileira de Letras, uma conferência acerca de Uma família de poetas. Era um estudo acerca dos 11 irmãos de Alberto de Oliveira, todos eles poetas. Nessa conferência houve uma referência a Candido Mariano de Oliveira — um dos 11 irmãos de Alberto — que o autor do estudo sabia também ter feito versos, mas do qual não conseguia ter nenhuma informação.

Publicada a conferência, o senhor Julio Medeiros gentilmente enviou ao diretor de Autores e Livros uma carta referente a Candido Mariano de Oliveira, e nessa carta incluía uma pequena antologia dos trabalhos daquele irmão de Alberto de Oliveira. Trazia essa carta a data de 22 de fevereiro de 1942.

Guardamo-la, à espera de outros elementos de que necessitávamos para reconstituir a figura do poeta esquecido. Hoje, que obtivemos esses elementos, se edita na cidade que lhe dá o nome — bergu querido de mi

e o seu autógrafo — aqui damos a antologia de Candido Mariano de Oliveira, carinhosamente recolhida pelo sr. Julio Medeiros.

Pedimos venia para incluir também a carta em que esse curioso amigo da memória do poeta fluminense nos enviou os trabalhos que abuzo tão transcritos.

Éis a carta em questão:

"Rio, 22 de Fevereiro de 1942.

Prezado Sr. Mucio Leão

Em recente estudo sobre a figura de Alberto de Oliveira, envio que com o título — "Uma família de poetas" — fez V. S. referências a Candido Mariano de Oliveira, dizendo "que a própria família não possuía nenhum original dos versos por ele escritos".

Tive o grande prazer espiritual de conhecer pessoalmente esse belo caráter e formoso talento.

Ao fundar, com Oliva Teles, o jornal "A Sapucaia", que ainda se edita na cidade que lhe dá o nome — bergu querido de mi

na adolescência e de minha juventude — era Candido Mariano de Oliveira, professor estadual naquela localidade fluminense. Condições, então, a colaborar no nosso pequeno jornal provinciano e de vez em quando para o mesmo alguns artigos políticos. De visita a um irmão, também escreveu alguns versos para o mesmo jornalinho. D. Amelia Mariano de Oliveira.

Indo agora a Sapucaia, pedi-me do estudo de V. S. e pedi copiar alguns dos trabalhos produzidos do inspirado fluminense, que foi a minha em pessoa.

Passando-as às mãos de V. S. para complemento do seu interessante estudo, faço-o com o objetivo de prestar modesta homenagem a memória desse patriótico que foi um completo e dedicado educador.

Queira V. S. aceitar muito cordalmente a expressão do meu mais elevado apreço

JULIO MEDEIROS

PRIMEIRO A MÃE, DEPOIS A MULHER

Esquece que és formosa: case andado
Louro cabelo que se melha a meste,
Esse teu grande olhar, que cativado
Trau quem te avista e te contempla, esquece.

Como se estufa a planta se aparece
O fruto, que se ostenta perfumado,
Olha o sorriso teu que resplandece,
Nas rosas faces de teu filho amado

Naqueles olhos os teus olhos fita;
Cede a mulher que amou na desolada
Idade, à Mãe que entre o estúpido histia.

Sobre esse berço te desfolha, rosa,
Chora sobre esse berço e, ne da bonita,
Mauas maternas te fazio formosa.

SONETO

Vamos, luz de mim, o alva Julietas,
Românticas visões das almas namoradas,
Eu tenho o coração cheio de charas pretas,
Hedonias, cruéis, fundas e margrenadas...

Deixei morrer a té, a espias de lançetas;
Arrependo os sinais das fortes punhaladas;
Foram-se as ilusões todas angustadas
Mas em fora da alma, ó lindas Julietas,

Tenho agora a miter dos selhos silenciosos;
Profiro o coração das criações de Ovidio
Ao vosso limpo amor, branco como os cristais.

Afago, assim, talvez, os males tempestuosos...
— Bem haja a lentidão do meu cruel suicídio,
O carências do amor, o rosas virginalis.

ADORMECIDA

Havias adormecido
Talvez morta de cansaço,
E eu beijava em teu regaço
As dobras de teu vestido.

Era o luar triste e baço;
Do vento o leve ruído,
Aparentando um vazio
Fazia chorar o espaço.

Nesta hora quanto eras bela,
Oh! minha adorada estrela,
Ali, tão perto de mim!

An raios das minúsculas unidas!
Confusas as nossas vidas
Como os ais de um bandolim!

NO LAR DOS MORTOS

Mau grato o meu terror pelas sagradas colinas,
Ontein, da luz triste ao baco lume cetero,
Desce da velha Morie, ao legendaria império,
A ler as inscrições fantásticas das lousas.

E ao ver a vaza estroada sonda in repausas,
Nobre — tremula não no trémulo mistério,
Uma quatro lírios bons das mais do cemitério,
E atrevo-me ali com uma porção de rosas.

Crencia junto à pedra o mato que te cobre,
Cujas raízes más enterram-se com fome
Em teu peito, a beber-te o sangue virginal.

Oh! meu negro sapinho! A que leis ou acaso
Hoje entregues nas esbas, que serves como um vaso
Ao lábrico esplendor do luxo vegetal?

MORTA!

Meu Deus, ela morreu contando as sombras
Meu pobre nome e nosso amor suave;
Ela tombou nas lividas alfinbras
Da noite fria e seu grimo duma ave,
Meu Deus, ela morreu contando as sombras.

Longe, em seu lar, esbranquecido e mudo,
Assentado nas marcenias da tagoa,
Bourava o sol seu rosto de veludo,
Dava-lhe atago a umida garça,
Longe em seu lar esbranquecido e mudo.

Ela amava o silêncio e a cruz da ermida,
"Não temo as larvas, não, eis drina;
Doe-me no peito o palpitar da vida
Amo da noite a palida poesia".
Ela amava o silêncio e a cruz da ermida.

Como era triste o seu cantar aos ventos
Quando a sombra desliza as frias gazas
Jam voando os palidos lamentos,
De Deus aos pés e do sofrer nas usas,
Como era triste o seu cantar aos ventos!

"E' frio, é tudo gelo aqui nos seios;
Sinto a morte que cheira! Não me acuses,
Se eu não te escuto os fêrvios anseios...
Do mundo aos fogos, do viver as luzes
E' frio, é tudo gelo aqui nos seios".

Meu Deus, ela nasceu no lar das eismas,
A luz das tochas dum final cortejo;
Nunca da vida, os deslumbrantes prismas
Deixaram-lhe entrever de um sonho um beijo...
Meu Deus, ela nasceu no lar das eismas.

Hoje cala em seu lar a voz do ermo...
E' tudo morto e os géminos errados
Contam-me ainda ao coração enfermo
Seu nome puro e sob os seus sonhos
Hoje cala em seu lar a voz do ermo.

Na funda noite do eternal descanço
Que avizinha-se já, muda e sombria,
Irei, porém, revê-la no remanso
Onde ela dorme desolada e fria,
Na funda noite do eternal descanço.

CULTO

Andei com o olhar em toda
Desta amplidão dourada,
Mirei-a toda, toda...
E nela não vi nada.

Musa, onde escondesse,
Como num velho mundo,
O teu amor profundo
Que lá tanto me entantecesse.

Então no peito abri
Um santuário enorme
E ele aqui dentro dorme,
E ele repousa aqui!

E quando uma oração
Eu quero lhe elevar,
Desco-me ao coração,
Beijo-o no seu altar!

MELODIA NOTURNA

Enquanto a vaga dormia,
No frio leito da praia,
E a tibia luz do luar;
Enquanto, contando as águas,
O pescador conta as máguas
Aos vastos planos do mar;
Min'alma vai indolente
Sulcando a loira torrente
Dos raios do teu olhar.

Enquanto em vago lamento
Quedam-se as selvas e o vento,
E ao arênteo frecoar,
A luz dos celestes cirios;
Enquanto abrem-se os lírios,
Como num sonho de amor;
Min'alma arde de arcos,
Desmala nos teus cabelos
Como num caliz de flor.

Enquanto o amor, a poesia,
A sombra, o sonho, a harmonia
Vem destes céus tão azuis;
Enquanto repousa tudo,
E no crestele veludo
Enquanto a lua transluz;
Min'alma, insecto dourado,
Favoreça doida ao teu lado
Como no rador de uma luz!

MARIANO DE OLIVEIRA

MADRIGAL ROMANTICO

Olhou-nos Deus p'ra unidos
Vivermos sempre, flor!
São leus os meus sentidos,
Não meus teus ais perdidos,
Que grande é o nosso amor!

Um gênio bom e amigo
Em torno de nós gira;
E acaso estou contigo,
Se estás a sós comigo,
O gênio bom suspira.

Por nós, a terra veio
E disse-nos: Amai!
E o amor beijou teu seio,
E o amor num doce enleio
Meu ser cativo faz.

Amemos sim, Unidos,
Vivamos sempre, flor!
São leus os meus sentidos,
São meus teus ais perdidos
Que grande é o nosso amor

EXILADO

És quase ao morrer da luz poente...
A modesta casinha abandonada
Do anseio o fumo doce mente;
Voa a sombra rolando na esplorada,
E murmúrios da tépida corrente
Respiravam os fôcos da buíada.

Aberto à porta um raiado de crinaças
Emissas como a leira fantada,
E as crianças que nem as esperanças,
E o sorriso infantil meigo sorria;
E ali, ali, na voz das mães mansas
Estranhar-se de sons d'Ave-Maria.

Abandado paraiso... Vendo esta cena
Ficava-se no bordão de peregrino...
Como sabe? Da saudade a vez certa
Estranhar-se a alma como um fanto!
E ali, ali, a tua coração chorava...
Quando mais fui de ver-te e quando achar-te?
Algo... E não me dá a palavra:
Ficava de que não só por toda a parte!

Penópolis, 15-2-33

Alex. Gusmano Pinheiro. 439.

Demarado:

El é e aos teus felis

cidade

Engenhiero Jaury Chamon e a
morte e deu-se uma ordem de 84000,
correspondentes a 6 dias de serviço no
mês de Dezembro. O Ervato recebeu
era importante na Inspectoria de
Estadadas de fero. Pense que depois re-
ceberia o mês de Janeiro. O residuo
na d'elle e dos outros creio que mais
re fará. Envia-se o aneto do Murat, re-
neta madiet.

NO LAR DA MISERIA

Quem bate à porta a noite tão tardia?
A noite é negra e os fantasmas cheia,
O fogão se apagou nas sombras frias
E nem aquece mais, nem candeia...
Quem bate à porta a noite tão tardia?

Aqui dentro a fome e a fome habita...
Bem os bastardos das desgraças cexas...
Em dura enxeta o nosso ser palpita;
Nos vivemos sem Deus. Oh! tu que chegas,
Aqui dentro a fome e a fome habita.

Vem aqui e aquece o corpo, fôrça arde...
Nem outro alago mais que o dele ouvimos...
— Larvas imundas, Deus não quer matar-nos,
Mortos em vida, sem viver sentimos...
Vem cá da estada, o corpo, fôrça arde.

Feituras boas e apalpas dão-nos pedra,
Fedores ruins, e o frio nos envolve...
A luz do candelão em nosso lar não medra,
Mas a maldade em ansias se resolve...
Perdidos, não, e apalpas dão-nos pedra.

Bati a porta dos palácios todos
E ninguém me escutou, ninguém me ouviu:
Deus! Na meseta quantos honras doudos:
Pedindo ao rico que jamais sentiu...
Bati a porta dos palácios todos.

Oh! tu que chamas no meu lar de morte,
Põe depressa deste lar sem dia,
Vasa nas sombras a mercê da sorte...
Aqui dentro morrerás de afoxia...
Oh! tu que chamas no meu lar de morte...

O VASO

Sobre a tua janela pendilhada,
Não deixes, nunca, aquele vaso, flor,
Orde um cravo de fronte ensanguentada,
Mira do azul o constelado amor.

Eu, da perdida noite me arreioio
E a luz temo, dos olhos da alvorada
Que ciba o vaso chinês, de flor no seio,
Sobre a tua janela pendilhada.

Fede alguém, lá no céu, que por distante
Não te fala, esconder, oh! bem-amada,
Um bilhete de amor, um ait de amante,
No vaso da janela pendilhada;

E à noite, em branda e musical toada,
A voz cuíres do afastado amor...
Fêbre a tua janela pendilhada,
Não deixes, nunca, aquele vaso, flor!

Jim do mundo.

Polvorosa vinco do meu passado,
Que pretendeis de mim, nesta hora escura?
Envi: pelos degraus da sepultura
Folhou meu coração amargurado

Folhou, e fez gema a terra dura.

Mas, depois, como um mar encapellado,

Tentou romper o círculo apertado

Para galgar o cimo da planura.

Em vão... E a vida, inexoravelmente,
Esperou-o ainda mais nos fins trazes,
Entra as lúas furor do impenitente...

E eu vi, por entre os tumulos tristonhos,

Todas as minhas cruzes em pesagios

E em si destestor hão os meus sonhos

Se vires no domo, aviso-me.

Os

Mariano

SONETO

Em duvem, fundo ou nevoa atrevo aia
A um astro, mundo ou sonho conduzida,
Impalpavel, eterea, immaculada,
Como se cria uma ilusão querida.

De uma nuvem de estrelas revestida,
De um cardume de arcanjos rodeada,
Ela como eu vejo esta mulher sagrada,
Que num momento arrebatou-me a vida.

Mister fora se errar onde não erra
Uma ave, onde o céu é mais profundo
Para juntar-lhe as seductões que encerra:

A beleza, o esplendor, tão e tão fundo
Que eu fui vê-la e me esqueci da terra
Pra julgar-me acordado neutro mundo.

Candido Mariano de Oliveira

MISTICISMO

Madonas deslumbrantes da pintura,
Contornadas visões da estaluaría,
A vossa arte já é desnecessária,
Ante meus olhos outro amor fulgura!

Mais que vós, Fornarina, na brancura,
Seu rosto splende de uma chama varia,
E, Venus, mais que a vós, quem há que enrae-a
Sem preitos não render à formosura?!

Quero em meio de um sonho que imagine
Isolar-me dos homens, me isolando,
A alma inteira lhe atirar num hino.

E como em sonho a vida vai passando,
Em sonho serão meus, marmoreo divino!
E, mesmo em sonho, morreréi te amando!

Rio de Janeiro.

Candido Mariano de Oliveira

NAO A ACORDEIS!

Palidece, palidece,
Belo luar com os teus raios!
Que ela, do amor nos desmaios,
Nos meus braços desfalece!

Os raios, a luz que decae,
O brandos ventos levei-as!
Que em longos, doces desmaios
Veio-a de amor que falece!

Deixai-me ficar aqui dentro!
As almas também têm sono,
Dormem também como a flor.

Oh! não a acordeis! Deixai-a!
Calai-vos, fôcos da praia,
Calai-vos, gênios do amor!

AO MAR!

Amigos, vadi às praias,

Ami: amigos, e mar!

Não há uma voz como a d'água

Por sobre a areia a cantar

Deve ser bom ter-se um leito

Armado ali, no abandono;

O mar canta como um peto

Que canta às horas do sono.

Lembra-se a alma da lunde

Em que ouvia esse cantar...

Que sorri e que saudade

Que crescem à beira-mar!

Aos que se vão desta vida

Dão pra dormir terra dura

E batra às vezes ingratas

No entanto, ali, que trecura,

Se os divos de enterrar!

Andras, quando es feroz olhos

Se fechares nos vossos olhos,

Ou dize-me a hora das lúas,

Ou dize-me a hora do mar!

